



Alunos de todo o país celebram o Ano Internacional da Astronomia

O direito à habitação, um tema importante para reflexão e debates

Jorge Bittar*

Já há bastante tempo o sistema educacional brasileiro vem mudando para melhor. É cada vez maior o número de instituições de ensino, públicas e privadas, que incorporam à grade curricular estudos e debates sobre cidadania, meio ambiente, saúde e várias outras questões fundamentais para a formação integral dos alunos.

Há um tema, porém, que a meu ver merece maior reflexão por parte de professores e educadores e precisa ser debatido com os estudantes. Trata-se do direito à habitação, principalmente no momento em que o Rio de Janeiro se prepara para sediar, em março do próximo ano, a V Sessão do Fórum Mundial Urbano, promovido pela Organização das Nações Unidas para analisar o processo de urbanização e seus impactos.

O direito à habitação é uma questão de cidadania e também de saúde pública. Em muitas comunidades carentes na cidade do Rio de Janeiro, doenças consideradas erradicadas, como a tuberculose, ressurgiram devido às péssimas condições de moradia. Segundo dados do Instituto Pereira Passos com base na metodologia da Fundação João Pinheiro, o déficit de moradias era estimado em 221.975 unidades em 2008. No entanto, nesse total não estão computadas as famílias que vivem em áreas de risco ou impróprias para a habitação pelos mais diversos fatores.

Outros estudos do Instituto Pereira Passos, a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2007, revelaram um quadro alarmante. Nessa época, na cidade do Rio de Janeiro existiam 24.734 moradias sem abastecimento de água, 76.740 sem esgotamento sanitário, 4.439 sem coleta de lixo, 634 sem iluminação elétrica, 26.637 sem banheiro e 86.887 com adensamento excessivo.

Na Secretaria Municipal de Habitação do Rio de Janeiro, com a participação dos mais diversos e representativos segmentos de toda a sociedade, estamos elaborando o Plano Municipal de Habitação de Interesse Social, em consonância com as Políticas e os Planos Estadual e Nacional de Habitação. O objetivo principal será propor ações para facilitar e baratear a produção de mercado, a fim de que a população de baixa renda seja atendida.

Os trabalhos serão articulados com os estudos do Plano Diretor do Município e com os programas habitacionais já existentes, particularmente o "Minha Casa Minha Vida". No dia 11 deste mês, em ato que contou com a presença da ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, a Prefeitura do Rio de Janeiro licenciou 46 mil moradias no âmbito desse programa e assinou contrato com a Caixa Econômica Federal para a construção imediata de 4.919 unidades em 12 empreendimentos destinados a famílias que ganham até três salários mínimos, num investimento de R\$ 250,7 milhões.

Esses são os primeiros resultados de um esforço que não pode ser interrompido para que o direito à habitação seja exercido em sua plenitude, mas que não depende apenas de ações governamentais. É essencial a participação de todos, principalmente dos professores e educadores, para que, através da reflexão e dos debates, surjam novas ideias e contribuições.

***Jorge Bittar** é Deputado Federal licenciado (PT-RJ) e Secretário Municipal de Habitação do Rio de Janeiro.

A Escola formará cidadãos ou apenas mão de obra?

Daniele Cruz*



O empresariado vem buscando de diversas formas articular o sistema educacional com os interesses empresariais, objetivando ter maior controle sobre as ações e o desempenho das escolas. A partir dos anos 1980/1990,

o empresariado ingressou de maneira mais firme no debate educacional e assumiu a defesa de um modelo de formação profissional mais moderno, adequado, segundo eles, ao contexto globalizado.

Os organismos internacionais dizem o mesmo nos relatórios que convidam às parcerias empresa/escola, ou seja, que o ensino sob a responsabilidade do Estado apresenta carências graves na preparação dos alunos para a vida ativa, de modo que as empresas se veem forçadas a contribuir na definição do conteúdo e métodos de ensino.

De acordo com Christian Laval (2004), autor que estuda e critica esse fenômeno na França, o imperativo da profissionalização estabelecido para a escola se apoia em uma angústia social em função da alta taxa de desemprego entre os jovens dos países capitalistas. Portanto, busca-se determinar de maneira mais precisa o conteúdo das formações para que se obtenha uma mão de obra mais "empregável".

Então é para isso que estamos formando nossos jovens? Para atuarem somente como mão de obra?

E quanto ao papel de formar cidadãos críticos, capazes de construir e modificar a sociedade? Temos que ler nas entrelinhas o real interesse desses organismos internacionais, já que eles nos julgam ineficazes e acreditam ser os únicos aptos a encaminhar o sistema educacional e adequá-lo ao setor produtivo.

Nosso trabalhador é formado para o mercado, estimulado a se atualizar através das transformações do mundo do trabalho, dentro e fora da escola e da empresa, para ser responsabilizado pelo emprego que não tem, pela recolocação que não consegue. Segundo Laval, esse "novo paradigma quer responsabilizar os cidadãos por seu dever de aprender. Nesse sentido, mais do que uma resposta às necessidades de autonomia e de expansão pessoal, é uma obrigação de sobrevivência no mercado de trabalho que comanda essa forma pedagógica da existência".

***Daniele Cruz** é Mestre em Educação, Consultora, Professora e Palestrante.



Conselho Editorial
Ednaldo Carvalho
Júlio Cesar da Costa

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo (M.T. RJ 22685/JP)

Coordenação Pedagógica
Rebeca Carvalho

Colaboração
Cláudia Sanches, Sandra Martins, Tony Carvalho, Wellison Magalhães e Fábio Lacerda

Fotografia
Marcelo Ávila, Tony Carvalho

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade
Bimestral

Tiragem
70.000 (setenta mil)

Impressão
Gráfica Ediouro

Produção
Jatobá do Rio Assessoria de Comunicação Ltda.

Distribuição
Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação do Jornal Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/222
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:
www.appai.org.br
Tel.: (21) 3983-3200

Fundação Casa França-Brasil

No ano em que se comemora o Ano da França no Brasil, nada mais apropriado do que conhecer um pouco mais sobre o maior país da União Europeia, em área, conhecido, sobretudo, pela sua cultura, suas delícias gastronômicas e seus excelentes perfumes. No Rio de Janeiro, desde março de 1990, a Fundação Casa França-Brasil abriga a história de um dos países que, por pouco, não se tornou o colonizador do Brasil.

Destinado ao intercâmbio cultural entre Brasil e França, o Espaço Cultural Casa França-Brasil, conhecido inicialmente como Praça do Comércio do Rio de Janeiro, foi construído em 1819 pelo arquiteto Grandjean de Montigny, integrante da Missão Artística Francesa.

Em 1815 o *status* colonial do Brasil é alterado e, a partir daí, surge o Reino de Portugal, Brasil e Algarves. Ainda neste ano, autoridades lusitanas encarregam o literato Joaquim Lebreton de reunir artistas franceses dispostos a acompanhá-lo ao Brasil para constituir o núcleo de uma Academia de Belas Artes, nos moldes da Academia de Paris. A introdução do pensamento ilustrado na Corte deveria acelerar o processo de modernização. Em março de 1816, chega ao Rio a Missão Francesa, da qual faziam parte, entre outros, o pintor Jean-Baptiste Debret e o arquiteto Grandjean de Montigny.

Com os rumores da independência norte-americana e da Revolução Francesa, em 1821 o povo rebelou-se, reivindicando, entre outras coisas, a promulgação de uma constituição liberal. Segundo os historiadores, nessa época ocorreu a primeira revolução liberal do Rio de Janeiro, que teve como resultado o fechamento do prédio, que

foi reaberto, tempos depois, como sede da Alfândega e, mais tarde, como um polo centralizador de todas as mercadorias que chegavam ou partiam para o exterior.

Após várias transformações, em 1980 surge a ideia de um aproveitamento cultural do prédio. E, quatro anos mais tarde, Darcy Ribeiro, então Secretário de Cultura do Estado, articulou-se com Jack Lang, Ministro da Cultura da França, e iniciaram-se as conversas para a restauração e a implantação no local de um centro cultural, destinado ao intercâmbio entre os dois países. Revitalizada em 29 de março de 1990, a Casa França-Brasil foi inaugurada.

Além do acervo, o espaço oferece exposições, uma galeria virtual, visita monitorada, pesquisa escolar, cinema, loja de *souvenirs*, bistrô e muito mais curiosidades e informações sobre o país que, de abril a novembro desse ano, acrescentou o verde e o amarelo às suas cores. De acordo com o ministro da Cultura Juca Ferreira, o ano da França no Brasil teve mais de 560 eventos realizados em 80 cidades, deixando, tanto para o lado francês como para o brasileiro, um saldo de ações positivas.

Fundação Casa França-Brasil
Rua Visconde de Itaboraá, 78 – Centro – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20010-060
Tel/fax: (21) 2332-5120

Pretinha, Eu?

Mudança no fazer pedagógico: valorização da cultura afro-brasileira através da leitura

Sandra Martins

A falta de interesse dos alunos pela leitura devido ao grande abismo entre a realidade e a funcionalidade do ato de ler é uma das razões para a elevação dos índices de evasão escolar, em especial nos cursos supletivos. Para tentar driblar esta dura realidade, a professora Ana Regina de Carvalho de Almeida criou o projeto *Escola que se faz pela leitura: conhecer, respeitar e valorizar a história e a cultura afro-brasileira*, desenvolvido na turma 401 do 4º ano do primeiro segmento do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Supletivo Floriano Peixoto, no bairro de São Cristóvão, no município do Rio de Janeiro.

A ideia central da proposta é minimizar esse desinteresse e incentivar ao conhecimento da sua própria língua. Assim, busca-se recuperar nos alunos jovens e adultos o impulso de usar o direito à leitura e à cultura que eles possuem, transformando-se em falantes competentes, tanto na forma escrita como na forma oral. Para isso, o educador oferece textos diversificados e adequados às faixas etárias, que permitem a ampliação da capacidade reflexiva sobre a realidade, possibilitando a percepção das desigualdades sociais existentes.

O planejamento do projeto envolveu várias etapas: conversa inicial de indução ao tema; leitura do livro e interpretação com exposição

escrita e oral para a turma; trabalho do conteúdo programático a partir de trechos de livros; estímulo à pesquisa individual e em grupo; exibição de documentários; passeio pedagógico; planejamento da culminância do projeto; exposição da produção textual, iconográfica e oral de pesquisas sobre questões raciais dos alunos, além de degustação de pratos da culinária africana. Para a definição dos textos, a coordenadora do projeto se baseou na Lei 10.639/2003 – que torna obrigatório o ensino da história e da cultura da África e dos afro-brasileiros nos ensinos Fundamental

e Médio – e no perfil dos alunos, que os remete à condição de vítimas de desigualdades sociais no seu cotidiano: em sua maioria trata-se de jovens e adultos oriundos de comunidades de baixa renda próximas à escola, com condições socioeconômicas precárias, com pouca ou nenhuma vida cultural, sendo noventa por cento de alunos negros e pardos (conforme classificação étnico-racial do IBGE), apresentando baixa autoestima em relação à desigualdade social existente, mas com expectativas de superação dos obstáculos através da educação. Nesse sentido, a opção foi trabalhar com o livro *“Pretinha, Eu?”*, de Júlio Emílio Braz, cuja narrativa contempla tais situações e sentimentos.

Entretanto, Ana Regina, antes de apresentar o livro, incitou os



Não basta ler o que dizem os jornais, é necessário discutir as entrelinhas



Cartões-temáticos sorteados entre os grupos para pesquisa e apresentação oral

a publicação seria inviável, devido ao custo. Então, Ana Regina resolveu contar a história por capítulos: um por dia, seguido de comentários a respeito dos personagens, dos seus comportamentos, sempre comparando com a atual realidade.

Os ganhos alcançados por meio das dinâmicas, que envolviam atividades relacionadas à escrita, foram bastante expressivos: crescimento da autonomia e organização de pensamento adquiridos com a vivência e a experiência de cada um, melhora na assiduidade, participação, interesse e desejo em aprender mais. “Eles passaram a se mostrar mais receptivos para a escrita porque os temas lhes eram interessantes. Não escreviam apenas para responder sobre um tema no qual não tinham interesse”. Entre os temas estavam – devidamente municiados

alunos, através de um bate-papo, a falar sobre se já haviam sido discriminados. A provocação foi aceita de pronto, com várias discussões envolvendo toda a turma. Essa reação mostrou à professora que eles se sentiam magoados com aquela situação de desigualdade social. Por morarem em comunidades carentes, são muito discriminados: na procura de um emprego, as portas se fecham devido ao lugar em que residem; pelo motorista de táxi ou pelo fornecedor de bens de consumo, que têm medo de assaltos e tiroteios. “E ainda são tratados como marginais, ociosos e inferiores”, relatou a professora.

Com a criação de um espaço em que pudessem falar sobre a sua vivência, mesmo os mais tímidos expunham suas ideias e opiniões diante da turma. Questionados sobre o que era preconceito e se eram preconceituosos, os alunos diziam que não, e que eram, sim, vítimas de discriminação. Entretanto, à medida que Ana Regina abordava determinados assuntos, percebia que “eles não se davam conta do preconceito que tinham”.

O próximo passo era trabalhar a leitura do livro “Pretinha, Eu?”. Mas como fazê-lo se a escola só possuía um exemplar para os 45 alunos? Fazer resumo para distribuição os impossibilitaria de conhecer parte significativa da história. Pedir para comprarem

por reportagens que alimentaram debates elucidativos – a intolerância às religiões de matriz africana e o possível término das cotas nas universidades públicas para os afrodescendentes.

Além disso, segundo a coordenadora do projeto *Escola que se faz pela*



Trabalhar em grupo: construção de novos hábitos, novas condutas

leitura: conhecer, respeitar e valorizar a história e a cultura afro-brasileira, os alunos ficaram mais críticos e questionadores. Não aceitavam mais o que liam e escutavam. “Eu vibrava o tempo todo, pois estava conseguindo fazer com que se sentissem capazes de sair da condição de passivos e se tornassem participativos e atuantes na nossa sociedade. E tudo isso através dos conhecimentos e das informações passadas pela leitura, com textos diversos que vieram integrar o cotidiano da turma”.

Se com os alunos o trabalho fluía com muita parceria, o mesmo não ocorreu com parte da comunidade escolar. De acordo com Ana Regina, as mudanças no cotidiano das atividades pedagógicas são fundamentais para a promoção do interesse pelo espaço escolar. Assim, evita-se a evasão, preocupação primordial do projeto. “Alguns deduziam que a turma não estava tendo aula”, ora por conta das “discussões calorosas”, ora pela arrumação da sala para os trabalhos em grupos, ora pelas muitas conversas da professora com os alunos. Havia os que diziam que não valia a pena todo aquele trabalho, pois os estudantes não estavam acostumados e não iriam aprender.

De fato, a falta de costume na elaboração de atividades em grupo, pesquisas, confecção de cartazes, contribuiu para que a realização do trabalho não fosse tarefa fácil. “Tudo era novidade para eles. Mas estavam tão envolvidos que conseguiram superar os problemas”.

O conteúdo programático foi amplamente abordado com a utilização de trechos do livro, como os exercícios gramaticais, a ortografia, a leitura oral, a formação do povo brasileiro, a escravidão, a contribuição da influência dos negros e um pouco da história da África.

A iconografia foi um dos recursos utilizados por Ana Regina para trabalhar o conteúdo programático e abordar as desigualdades étnico-sociais



“Com os ingredientes da feijoada, servida no dia da culminância, explorei a escrita e a leitura das quantias e cálculos envolvendo as quatro operações. Com o auxílio de mapas a turma pôde conhecer um pouco sobre o continente africano, já que abordamos curiosidades a respeito da África e fizemos paralelos com o Brasil.

Com a exibição do DVD “Heróis de todo o mundo” – que integra a coleção do projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira “A Cor da Cultura”, do MEC –, os alunos tomaram conhecimento da importância e da atuação de negros que no passado se destacaram nas diversas áreas como literatura, engenharia, medicina, política, educação etc. Outro recurso utilizado foi o CD-ROM “Da África para o Brasil” – anexo do Livro Projeto Pitangüá História, 3ª série, Unidade 3 –, que sintetiza toda a discussão até então desenvolvida, com análises sobre a história e a cultura afro-brasileira. Um passeio pedagógico ao Centro de Tradições Nordestinas propiciou o contato com a riqueza, beleza e coloridos do folclore do Nordeste do Brasil. “Alguns de nossos alunos são oriundos dessa região, o que lhes possibilitava explicar de maneira precisa sobre determinados costumes, objetos

Exposições orais deixam de ser um tormento quando há fundamentação teórica e muito debate



Outro destaque, já mencionado no início desta matéria, refere-se à evasão escolar. Ao iniciar o ano letivo, a turma 401 era composta de 45 alunos; no final do período, o quantitativo era de 42 estudantes “assíduos e participativos, que interagiram com as propostas do projeto do início ao fim. Para isso, a professora se utilizou de alguns verbos fundamentais: encorajar, desafiar, incentivar, valorizar. Dessa forma ela os fez compreender “que fazem parte dessa sociedade e que precisam lutar pelos seus direitos, pois, independentemente da sua formação, eles têm capacidade para discutir e opinar sobre os seus pontos de vista”, concluiu a educadora.

Escola Estadual de Ensino Supletivo Floriano Peixoto

Praça Argentina, 20 – São Cristóvão – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 20920-050

Tel.: (21) 3890-1240

Idealizadora do projeto: Ana Regina de Carvalho de Almeida

Fotos cedidas pela escola

e o modo de preparo de alguns pratos típicos. Orgulhosos e felizes por se sentirem valorizados ao falarem de suas tradições, os alunos se “acabaram no forró e tiraram muitas fotos”.

Para premiar o empenho da turma, a professora homenageou os estudantes incluindo seus nomes no fôlder promocional do projeto. “Eles participaram da montagem, mas não sabiam dessa grande homenagem. Eles se reuniram em outra sala para terminar de confeccionar os cartazes para a exposição”. A culminância do projeto foi marcante, não só pela qualidade das apresentações, mas pela transformação operada em cada um dos alunos, mostrando o “quanto foi satisfatório, interessante, enriquecedor, significativo aprender sobre a história e a cultura afro-brasileira”.

Bastante animada com os resultados alcançados, Ana Regina destaca as mudanças significativas no comportamento de seus alunos, na maneira de refletir, nos seus questionamentos, na participação e no interesse de cada um e com relação ao próprio quadro de desigualdade social e à necessidade de se combater o preconceito racial. “Os alunos afrodescendentes foram motivados a conhecer e a valorizar a história e a cultura afro-brasileira, elevando, dessa forma, sua autoestima.

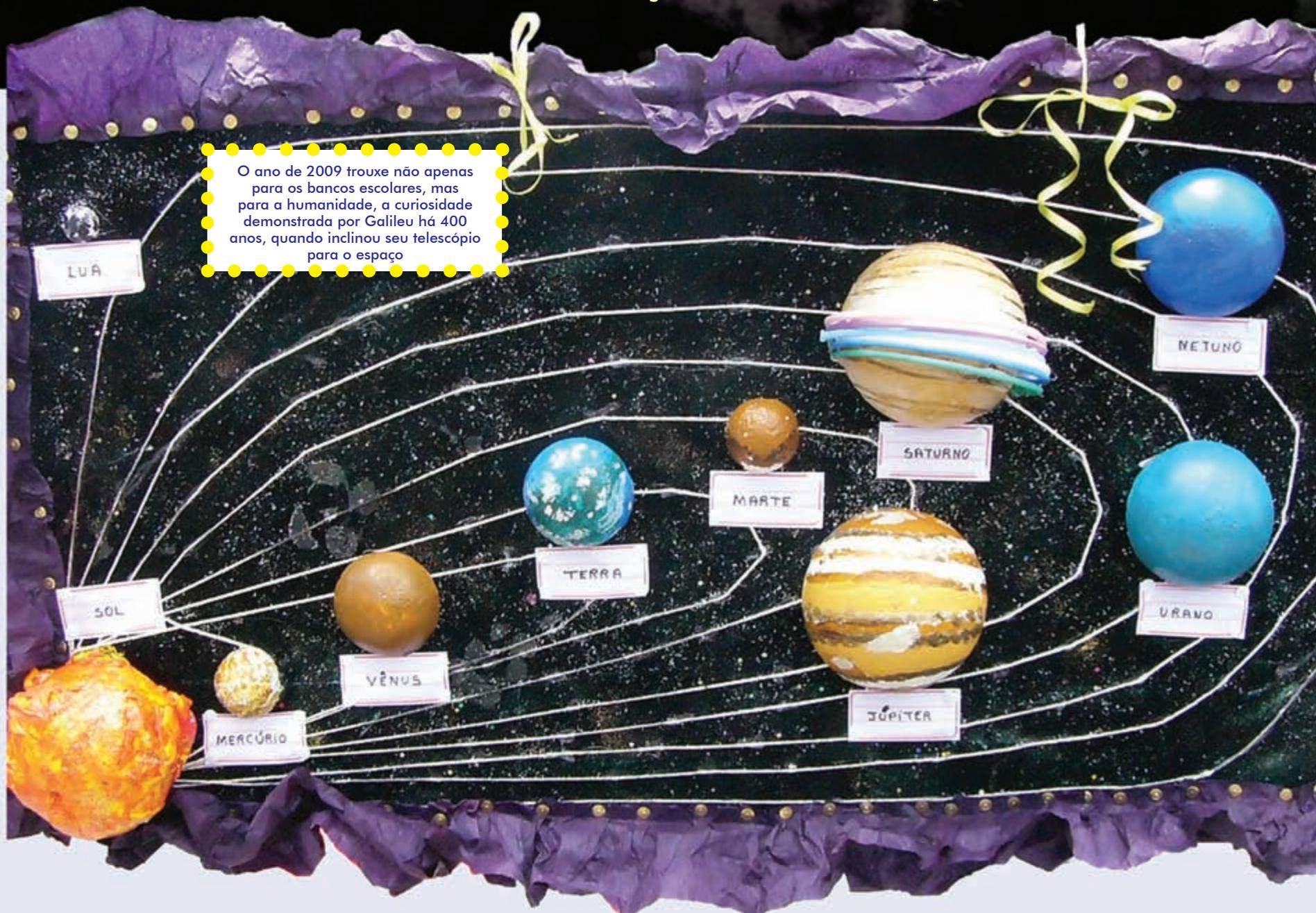
Boas lembranças do passeio pedagógico no Centro de Tradições Nordestinas: alunos se transformaram em professores



2009

Ano Internacional da Astronomia

O Mundo celebra as contribuições da astronomia para a sociedade



Em 2009 cidades e cidadãos de toda parte do planeta comemoram o Ano Internacional da Astronomia e reluzem suas atenções para o 400º aniversário da primeira vez que Galileu Galilei apontou uma luneta para o espaço, utilizando, ali, o primeiro telescópio astronômico. De acordo com as entidades ligadas ao tema, o objetivo do Ano da Astronomia é estimular o interesse, especialmente entre os jovens, pela astronomia e pelas ciências afins que cercam o tema central: *O Universo para você descobrir*.

Na busca por entender e contribuir para o desvendamento desse

infinito universo, escolas, museus, clubes, planetários e entidades públicas e privadas de Norte a Sul do país estão promovendo diversas ações e atividades, a fim de provocar melhor compreensão do conhecimento científico que envolve toda essa ciência milenar.

Mantido pela presidente do Centro Cultural Vila Lage, a socióloga Graça Costa Velho, e por um astrônomo amador, o Clube de Astronomia de São Gonçalo – Leonardo da Vinci, localizado dentro do Centro, é um desses lugares que ajudam o homem a entender melhor o univer-

so e a história da humanidade frente à conquista espacial. Além dos muitos objetos de estudo e pesquisa oferecidos aos visitantes, dois telescópios de alta resolução que permitem a visão, em detalhes, do espaço, um cineclube e um museu compõem o cenário espacial da casa. Segundo a socióloga Graça Costa Velho, o clube é o único da região que oferece gratuitamente, todas as quartas e sextas-feiras, observações do céu aos seus visitantes.

No Colégio Alfa Cem, em Jacarepaguá, o fascínio produzido pelas descobertas astronômicas colabora para difundir as teorias científicas entre os vários segmentos da sociedade. Este ano, o Projeto *Espaço Científico* do Colégio fez com que os alunos do 1º e do 2º anos do Ensino Médio estudassem a fundo a astronomia, analisando desde as teorias sobre a origem da vida até as possibilidades de colisão entre um asteroide e o nosso planeta.

De acordo com a diretora e supervisora pedagógica do colégio, professora Maria do Socorro França, o Projeto *Espaço Científico* é uma manifestação acadêmica, na qual é feita uma abordagem interdisciplinar entre a Química, a Física, a Biologia, a Matemática e a Língua Portuguesa. É o momento em que os conhecimentos obtidos são comprovados através das pesquisas, tornando a aprendizagem um verdadeiro saber. “A nossa proposta é estimular os nossos alunos do Ensino Médio a participar de pesquisas científicas, diferenciando-os academicamente através de uma ação conjunta de professores-orientadores, supervisão e apoio familiar”, justifica.



O clube de Astronomia de São Gonçalo foi um dos lugares em que visitantes, cientistas e anônimos puderam contemplar objetos, réplicas e documentários sobre a história da ciência astrofísica



Enquanto os alunos do Alfa Cem analisavam as teorias astrofísicas, para comemorar o Ano Internacional de Astronomia, instituído pela Organização das Nações Unidas, no Instituto de Tecnologia ORT, em Botafogo, a professora de Física Érica Silvani resolveu trabalhar a temática com suas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental e o primeiro ano do Ensino Médio para a mostra “Ciência no Brasil”. A exposição, realizada em homenagem à Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, possibilitou que os alunos trabalhassem as partes experimentais da Física, passando pela hipótese do Big Bang até a teoria evolucionista. Durante a mostra, a comunidade escolar também conferiu toda a aventura dos estudiosos do espaço, desde Copérnico, Galileu e Kepler, entre outros que revolucionaram a história da Ciência.

Saindo da zona Sul do Rio, não com a mesma velocidade de um cometa, mas, percorrendo os passos dos nossos heróis estelares, desembarcamos em Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde os alunos do Jardim Escola Antonio Ribeiro Feitosa discutiram em aula as responsabilidades pelas primeiras observações do universo, feitas em 1609.

Munidos não de telescópios e nem lunetas, porém de muita disposição e criatividade, a equipe pedagógica do colégio tornou realidade a Feira de Ciências da escola, levando centenas de

alunos e convidados a passearem pelo mundo mágico da astronomia.

De acordo com a equipe pedagógica, para que houvesse melhor rendimento e aproveitamento, os trabalhos foram divididos por temas e turmas. Desta forma, explica a Coordenadora Pedagógica Bruna Aline Leira de Souza, os alunos do 6º ano trabalharam todo o sistema solar, além de retratarem a ida do homem à lua através de imagens de revistas. Maquetes e cartazes ajudavam a compor o cenário para que todos adquirissem melhor entendimento sobre um dos mais fantásticos feitos do homem neste século: pôr os pés na

lua. Para trazer mais realismo ao trabalho, os estudantes vestiram-se de astronautas e andaram pelo espaço escolar chamando a atenção de todos.

Com a combinação de elementos químicos, os aprendizes conseguiram fazer um lançamento de um protótipo de foguete ao vivo nas dependências da escola e, numa outra oportunidade, num campo próximo à instituição. Em um outro ambiente, um grande painel relembra a explosão do Big Bang e servia de cenário para que os estudantes explicassem a formação do universo, suas galáxias e toda a história da astronomia. Tudo isso com a ajuda da professora de história Vera Lucia Laureano.

Alunos do 1º ao 9º anos embarcaram na missão de desvendar a evolução da ciência, através da mostra da 5ª Feira Pedagógica do Colégio Marques Rodrigues

Foguete pra lá, telescópio pra cá, explicações, teses e defesas sobre o início da expansão do universo, concepções astronômicas e cosmológicas, influências nos dias atuais, enfim... assuntos para mais 400 anos, tranquilamente. Foi a conclusão a que chegou o jovem Bruno, do 9º ano, ao apresentar ensaios realizados por Copérnico, no **Instituto de Tecnologia ORT**, os quais revelaram que a Terra não estava no Centro do Universo. Para o jovem, foi uma oportunidade de aplicar a Física. "Primeiro a gente experimenta depois parte para as teses", confirma ele, mostrando aos visitantes os primeiros experimentos de Galileu em que foi comprovado que todo corpo apresenta uma força magnética e que os objetos caem no chão por causa da força de atratividade da Terra. Mais tarde Newton comprovaria a lei da gravidade rotacional.

As Leis de Kepler, sobre os movimentos rotacionais do planeta, marcaram o nascimento da astronomia moderna. Também esteve presente no discurso dos aprendizes o modelo de sistema solar de Copérnico, pelo qual os planetas gravitam ao redor da Terra, o que comprova que a órbita em torno do sol constitui uma elipse.

Na opinião da professora Érica, as turmas redescobriram a ciência da astronomia através das ações desenvolvidas no dia a dia. Em uma das atividades, os estudantes mediram o período de rotação da Terra experimentalmente; encontraram a composição do sol, que possui hidrogênio, através de um método científico baseado na formulação de Copérnico; mediram a aceleração gravitacional da Terra; desenvolveram um telescópio de PVC com o qual puderam ver detalhes da superfície lunar e um foguete construído com *pet* e papelão. Para não ficar somente na teoria, os aprendizes utilizaram-se da Física como base de argumentação para explicar a elaboração do foguete e sobre a dinâmica das aeronaves no ar: "Com o trabalho experimental fica mais fácil ensinar porque eles vivenciam: eles testam, formulam hipóteses e reconstroem as teses", avaliou a professora.

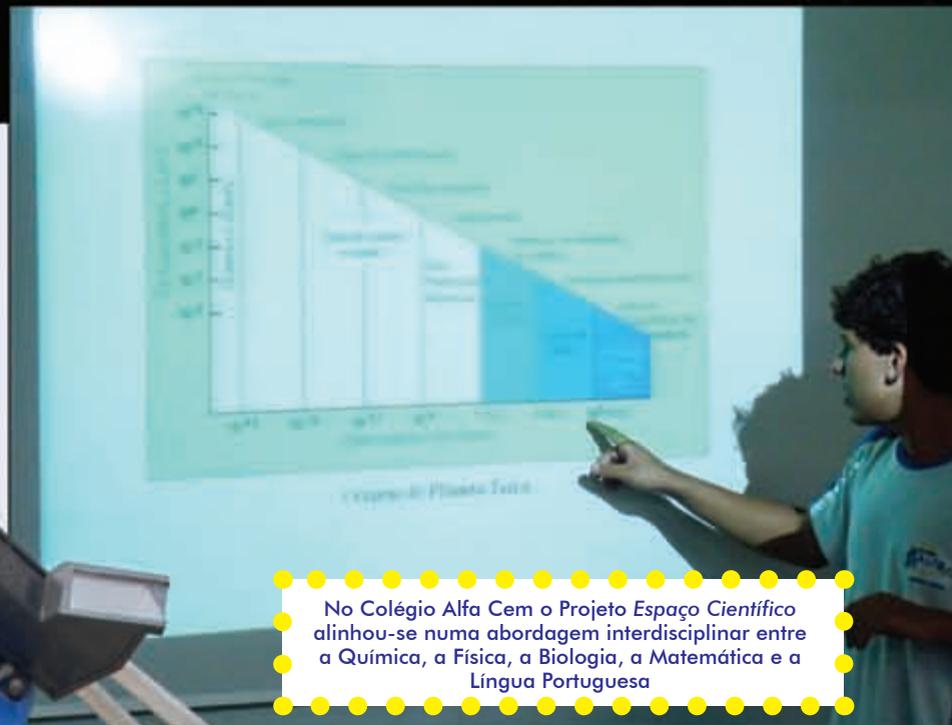
Ainda no Instituto de Tecnologia ORT, as turmas orientadas pela Física Érica também apresentaram as características geológicas da Terra, como a questão das camadas e da densidade. Para isso, os discentes desenvolveram uma pesquisa com uma balança na qual pesaram a mesma quantidade de óleo, água e glicerina, concluindo que o planeta é organizado em camadas, e que os líquidos mais pesados ficam no fundo e as substâncias mais leves em cima, comprovando que o centro da Terra é constituído de matérias mais pesadas, como o ferro, o enxofre, o silício, seguidos das rochas magnéticas, da hidrosfera e da camada de ozônio.

Por que estudar astronomia? A resposta é simples. Existe outro laboratório mais sofisticado e equipado para estudo do que o próprio universo? Claro que não! Segundo os professores não só de Física como de Ciências, a temática dos 400 anos abriu várias possibilidades de aprimoramento por parte das comunidades escolares, em todas as áreas e disciplinas.

É o que afirma o professor de Língua Portuguesa e Literatura, Cosme da Cunha, do colégio Alfa Cem lembrando que o projeto, além de aprimorar os conhecimentos inerentes ao tema proposto, também ajuda a desenvolver técnicas de apresentação oral e mais desenvoltura no ato de argumentar frente ao público.

Para o professor de Física Daniel Lisboa, o projeto coopera para a democratização da ciência e propicia um ganho individual e coletivo

para a aprendizagem e expressão verbal dos alunos. A professora de Biologia Juliana Leitão destaca que o projeto fez com que os jovens desenvolvessem as suas relações interpessoais. "Eles se veem diante de circunstâncias que os desafiam a convencer os outros componentes do grupo a adotar uma linha metodológica. Esses aspectos são enriquecedores porque todos nós, durante as atividades profissionais, lidamos com essas situações", atesta a professora do Alfa Cem.



No Colégio Alfa Cem o Projeto Espaço Científico alinhou-se numa abordagem interdisciplinar entre a Química, a Física, a Biologia, a Matemática e a Língua Portuguesa



Em meio às informações sobre mudanças climáticas, efeitos da natureza, sistema solar, planetas, satélites, cometas, asteroides e meteoroides, um fenômeno se destaca entre todos: a curiosidade pelo assunto



No clube de Astronomia de São Gonçalo o telescópio artesanal newtoniano com espelho refletor é um dos objetos que desperta grande interesse pelo seu formato e tamanho

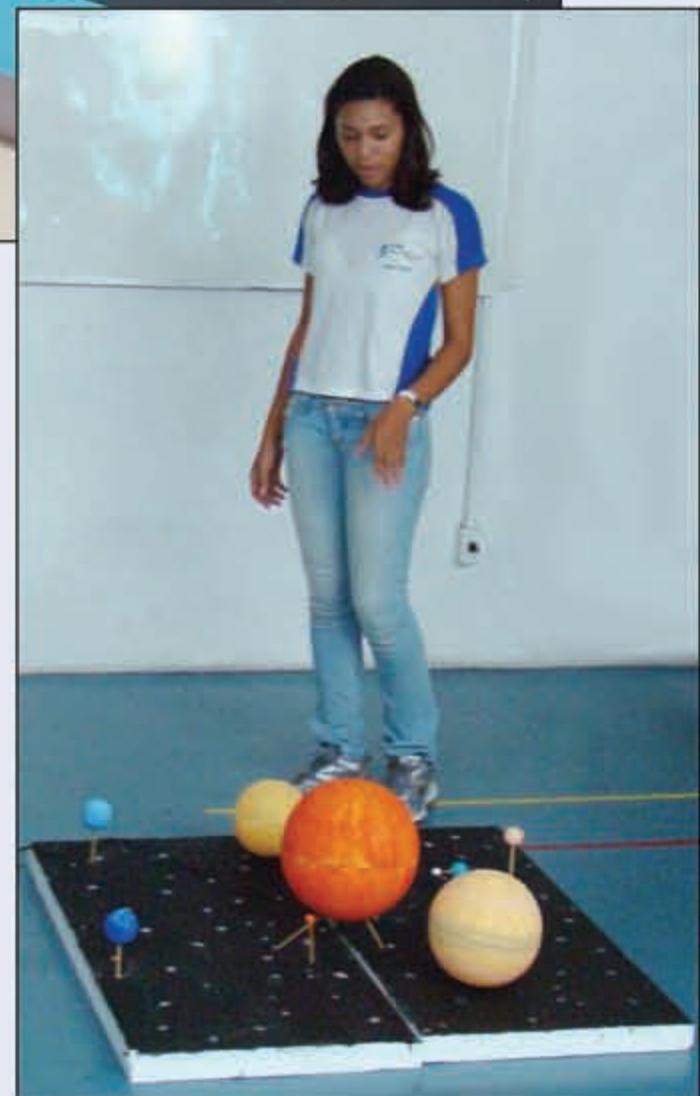


Com os pés no chão e a cabeça no mundo da lua, alunos do 1º ao 9º anos do Colégio Marques Rodrigues embarcaram na missão de conhecer a evolução da ciência, que passou a ser mais desenvolvida a partir do italiano Galileu Galilei, há mais ou menos 400 anos, nas cidades de Florença, onde nasceu, e Pisa, lugar em que viveu a maior parte dos seus 78 anos. Segundo os docentes, os alunos-tripulantes do 1º e 2º anos abordaram a “Viagem ao espaço”.

Em um dos ambientes da escola, um painel relembra alguns feitos da Nasa e recordava os grandes nomes como o do soviético Yuri Gagarin, primeiro homem a ir ao espaço a bordo da nave Vostok 1, no dia 12 de abril de 1961. O americano Neil Armstrong também foi reverenciado. Há 40 anos, acompanhado de Edwin Aldrin e Michael Collins, cumpriu o objetivo de chegar à lua, estratégia traçada pelo presidente John Kennedy, que havia garantido dar uma satisfação ao povo norte-americano sobre o programa espacial dos Estados Unidos, até o fim da década de 1960. O brasileiro Marcos César Pontes não poderia ficar de fora desse seletor *workshop*, e sua imagem decorava o estande com a bandeira do Brasil ao fundo.

O sistema solar e o Universo foram esmiuçados pelos alunos do 3º, 4º, 5º e 6º anos. Os aglomerados da galáxia e seus respectivos grupos, os planetas e corpos celestes foram os assuntos tratados minuciosamente e explicados para não haver dúvidas na distinção de seus componentes. Para elucidar todo o conteúdo, alguns pequenos filmes

e cartazes ilustraram as novas descobertas. Para complementar, um planetário inflável fez os ajustes finais no conhecimento dos estudantes. Por último, os alunos dos 7º, 8º e 9º anos viveram a experiência de serem cientistas e pesquisadores diante da curiosidade do público. Viveram um dia de Galileu Galilei, apresentando algumas curiosidades com a execução de várias pesquisas com água, pequenas lanternas, cal, balança hidroestática e pêndulos (lei dos corpos e o princípio da inércia).



Na avaliação final de alunos, professores, pais e visitantes, a celebração do Ano Internacional de Astronomia e dos 400 anos de aniversário das primeiras observações telescópicas do céu feitas por Galileu Galilei constitui um fato de grande importância, pois tratam-se de acontecimentos que trouxeram ao mundo uma contribuição de conhecimento humano imensurável, sobretudo na educação, na disseminação e no engajamento dos jovens à ciência, através de atividades locais, nacionais e globais interligadas por um único objetivo: conhecer melhor a nós mesmos no tempo e no espaço que ocupamos.

Para a coordenadora pedagógica Suzana Inácio, do Colégio Marques Rodrigues, o resultado apresentado foi ao encontro das expectativas do corpo docente. "Foi uma chuva de informações e conhecimentos", destaca a coordenadora pedagógica fazendo coro com o diretor do Instituto ORT, Hugo Malajovich, que foi categórico em afirmar que a exposição promoveu uma troca ímpar de elementos: "Os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar os experimentos e construir modelos, demonstrando a contextualização do que aprenderam", conclui o diretor.

Também para os 650 alunos do Jardim Escola Antonio Ribeiro Feitosa, o evento foi muito benéfico, informativo e divertido, uma vez que acrescentou conhecimento não só na instrução dos alunos, mas, sobretudo, na formação de todos aqueles que visitaram a feira. Já a professora de Biologia Juliana Leitão, do Alfa Cem, destaca que o projeto faz com que o estudante desenvolva mais suas relações interpessoais. "O aluno se vê diante de circunstâncias que o desafiam", aponta.

A viagem ainda não terminou, ou melhor, talvez nunca termine. Todavia, o mais importante é saber que uma das ciências mais antigas do nosso planeta, e que deu origem a campos inteiros da Física e da Matemática, está presente no nosso cotidiano, seja no céu, na lua ou na Terra, mostrando que não somos apenas cidadãos, mas sim cidadãos interplanetários.

Colégio Marques Rodrigues

Tel.: (21) 2404-3604

Professora: Elida Martins

Colégio Alfa Cem

Tels.: (21) 2447-3567 / 2447-7503

Supervisão: Maria do Socorro Alves França

Instituto de Tecnologia ORT

Tel.: (21) 2539-1842

Diretor: Hugo Malajovich

Jardim Escola Antonio Ribeiro Feitosa

Tel.: (21) 3156-1621

Coordenadora Pedagógica: Bruna Aline Leira de Souza

Centro Cultural Vila Lage

Tel.: (21) 2624-1925

Presidente: Graça Costa Velho



Fotos: Marcelo Ávila, Tony Carvalho e Fábio Lacerda

Colaboração:

Antônia Lúcia, Tony Carvalho, Fábio Lacerda, Cláudia Sanches e Wellison Magalhães.



Appai
Tel.: (21) 3983-3200 / 3147-3153
Portal: www.appai.org.br/ciclo/form.asp
e-mail: treinamento@appai.org.br

1 - Cultura, representações e educação ambiental: confluências e práticas educativas.

Local: Appai – Auditório Francisco de Pinho Costa – Rua Senador Dantas, 117, Sobreloja 218 – Centro – Rio de Janeiro/RJ.

Data: 02/12/2009

Horário: 9 às 13 horas – Quarta-feira

Objetivo: Discutir as questões socioambientais contemporâneas com a finalidade de dar sustentação ao desenvolvimento de projetos e atividades voltadas às práticas educativas ambientais críticas e participativas em classes de todos os níveis e modalidades educativas; propor o trabalho com as representações sociais (textos e imagens) dos sujeitos envolvidos nos processos educativos sobre o meio ambiente e a educação ambiental para o desenvolvimento de projetos escolares e comunitários com e por crianças, jovens e adultos.

Palestrante: Lincoln Tavares Silva

Tipo de evento: Palestra

Situação: Aberto

Programação: Os cenários socioambientais contemporâneos, suas repercussões e possibilidades de interpretações; apresentação de noções e conceitos que possam nortear o trabalho com a educação ambiental a partir do contexto escolar e para além dele; as representações dos sujeitos envolvidos no processo educativo e suas condutas sobre a questão ambiental; propostas de atividades voltadas ao desenvolvimento de ações baseadas nas sustentabilidades individuais e coletivas, com base na leveza, multiplicidade e exatidão.

2 - Neurociências e práticas educacionais – Neuroeducação: uma incógnita?

Local: Appai – Auditório Francisco de Pinho Costa – Rua Senador Dantas, 117, Sobreloja 218 – Centro – Rio de Janeiro/RJ.

Data: 09/12/2009

Horário: 9 às 13 horas – Quarta-feira

Objetivo: Capacitar especialistas na correção das dificuldades escolares de aprendizagem utilizando a metodologia da neuroeducação.

Palestrante: Rita Thompson

Formação: Doutoranda em Neurociências, UFF; Mestre em Educação, Uerj.

Tipo de evento: Palestra

Situação: Aberto

Programação: O que se entende por neurociência?; conexões entre neurociência e educação; como abordar as dificuldades de aprendizagem dentro da visão da neuroeducação?

3 - Dificuldades de aprendizagem

Local: Appai – Auditório Francisco de Pinho Costa – Rua Senador Dantas, 117, Sobreloja 218 – Centro – Rio de Janeiro/RJ.

Data: 16/12/2009

Horário: 9 às 13 horas – Quarta-feira

Objetivo: Possibilitar aos profissionais de educação um contato com as variáveis que interferem no processo ensino-aprendizagem, levando-os a uma reflexão sobre as suas contribuições práticas, enquanto educadores, na identificação e diminuição das dificuldades de aprendizagem.

Palestrante: Patrícia Lorena

Tipo de evento: Palestra

Situação: Aberto

Programação: Entendendo os conceitos de aprendizagem e dificuldades de aprendizagem; conhecimento x saber; distinção entre dificuldades de aprendizagem / dificuldades escolares / distúrbio de aprendizagem; as habilidades comprometidas na dificuldade de aprendizagem; propostas inovadoras: papel da psicopedagogia; múltiplas inteligências; habilidades sociais.

Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB/RJ
Tel.: (21) 3808-2020

1 - Mostra Linha de Sombra – Regina Silveira.

Com cerca de 30 obras, dentre instalações, objetos e fotografias, a exposição reúne pela primeira vez um conjunto dos trabalhos da artista.

Horários: Terça a domingo, das 10 às 21 horas.

SESI
Tels.: (21) 2587-1343 / 2587-1379 / 2587-1331 / 2587-1195 e 2587-1332

1 - LIBRAS – Curso de língua brasileira de sinais

Objetivo: Orientar e auxiliar o empresário no esforço para inclusão da pessoa com deficiência, neste caso específico, a pessoa surda. Mais do que estimular o cumprimento de uma exigência legal, Decreto nº 3.298/1999, é acreditar que ao darmos a essas pessoas a oportunidade de exercer um direito básico – que é o direito ao trabalho –, as tornamos mais produtivas e mais responsáveis socialmente.

Conteúdo: As unidades a serem desenvolvidas no módulo nível 1 oportunizam a aquisição do conhecimento básico da língua brasileira de sinais, através do uso de contextos em conversações.

Carga horária: 40 horas presenciais.

Início: Não existe uma data preestabelecida; tudo vai depender da formação do grupo.

Fundação Casa França-Brasil
Tel.: (21) 2332-5120

1 - Exposição Iole de Freitas

Casa França-Brasil recebe pela primeira vez a obra de Iole de Freitas, artista de prestígio internacional que desenvolveu uma exposição especialmente projetada para o centro cultural.

Período: 25/11/2009 a 28/02/2010

Dias e horários: terça a domingo, das 10 às 20 horas
 Entrada Franca

Estácio
Tel.: (21) 3231-0000 e (21) 3231-0015

1 - Aspectos básicos em Libras (língua brasileira de sinais)

Programa:

Orientação sobre como se comunicar com pessoas surdas. Noções básicas da língua de sinais brasileira. Como o surdo se comunica? Dificuldade que o surdo encontra para se comunicar com a sociedade.

1ª Aula: Introdução. Noções básicas da língua de sinais brasileira. Alfabeto digital.

2ª Aula: Como o surdo se comunica? Libras em contextos diversos. Comunicação do surdo na escola. Comunicação do surdo nas ruas.

3ª Aula: Preparação para o processo da tradução. Comunicação do surdo na família. A importância da língua de sinais para a educação dos surdos. Diálogos e conversação.

4ª Aula: Dificuldade que o surdo encontra para se comunicar com a sociedade. Dinâmicas e atividades lúdicas relacionadas com a língua de sinais.

Público-alvo: em geral.

Local: Nova Iguaçu

Endereço: Estrada Doutor Plínio Casado nº 1.466 – Centro

Período de realização: 16/01/2010 a 06/02/2010

Dia da semana: Sábado das 08:00 às 12:00

2 - Pedagogia

Programa:

O que é ensinar? Conceitos básicos de psicologia da educação. A dinâmica do grupo como instrumento pedagógico. Intercâmbio de experiências de ensino dinamizado.

1ª Aula: Introdução. O que é ensinar? Conceitos básicos de psicologia da educação.

2ª Aula: Abordagem de uma nova utilização das dinâmicas num contexto organizacional e educacional. Dinamização de músicas, filmes, poesias, que são instrumentos de uso em salas de aula.

3ª Aula: A dinâmica do grupo como instrumento pedagógico. Dinâmica de grupo em consultoria e educação. Instrumentos para educadores para tornar suas aulas melhores.

4ª Aula: Intercâmbio de experiências de ensino dinamizado.

Público-alvo: em geral.

Local: Nova Iguaçu

Endereço: Estrada Doutor Plínio Casado nº 1.466 – Centro

Período de realização: 19/01/2010 a 28/01/2010

Dia da semana: Terça-feira, das 08:00 às 12:00 ou Quinta-feira, das 08:00 às 12:00

PUC – Unidade Caxias

1 - Educação Infantil: Perspectivas de trabalho em creches e pré-escolas

Pós-Graduação Lato Sensu – Departamento de Educação

Local: Polo Avançado da PUC-Rio em Caxias – Instituto São Bento/Casa São Francisco Rua Benjamin da Rocha Junior, 6 – São Bento – Duque de Caxias/RJ

Período de aulas: De 22/03 a 07/07/2010 – segundas e quartas-feira, das 08:30 às 12:30h

Objetivo: O Curso de Especialização em Educação Infantil: Perspectivas de trabalho em creches e pré-escolas visa aprofundar os conhecimentos teórico-práticos básicos ao trabalho de concepção, implementação,

gestão, supervisão e atuação direta com crianças em creches, pré-escolas, escolas, além de outros espaços e instituições. Tem como objetivo promover a reflexão crítica sobre diferentes alternativas na área da educação infantil. A criança, como sujeito histórico, social e cultural – como cidadão –, é o eixo central da proposta.

Público: Pedagogos, psicólogos, assistentes sociais, sociólogos, profissionais da área de saúde e licenciados em áreas afins.

Inscrição: Até 05/03/2010

Taxa de inscrição: R\$ 15,00

A taxa de inscrição só será devolvida em caso de cancelamento do curso pela PUC-Rio.

O Curriculum Vitae e o memorial serão levados em conta no processo de seleção.

A documentação necessária deverá ser entregue pessoalmente, pelo correio, enviada por fax (21) 3527-1394.

ESPM
Tel.: (11) 5085-4600

1 - Workshop de criatividade

Palestrante: José Predebon

Período: 15/11/2009 a 15/01/2010

2 - Comunicação integrada de marketing: planejamento e desenvolvimento de projetos

Palestrante: Eduardo Perrone Pinheiro

Período: 15/11/2009 a 15/01/2010

3 - Técnicas de apresentação oral

Palestrante: Ana Celina Gonçalves Oliveira

Período: 15 e 16/01/2010

4 - Inovação obtida pela gestão criativa

Palestrante: José Predebon

Período: 18 a 21/01/2010

5 - Como planejar a comunicação institucional

Palestrante: Izolda Cremonine

Período: 18 a 21/01/2010

6 - Produção visual e gráfica para a mídia impressa

Palestrante: Antonio Celso Collaro

Período: 18 a 22/01/2010

7 - Tudo sobre a comunicação interna nas empresas

Palestrante: Amauri Marchese

Período: 18 a 22/01/2010

8 - Direção de arte - Avançado I

Palestrante: João Vicente Cegato Bertomeu

Período: 21 a 23/01/2010

9 - Embalagens: produção visual e gráfica básica

Palestrante: Antonio Celso Collaro

Período: 26 a 29/01/2010

10 - Solte o verbo – Liberte o orador e o redator que existem em você

Palestrante: Celso Alves Cruz

Período: 26 a 29/01/2010

11 - CORES: Princípios aplicados ao design e à comunicação visual

Palestrante: Paula Csillag

Período: Janeiro 2009

Conhecendo a **CRASE** mais um pouco

Sandro Gomes

Em nosso último encontro foram abordados os casos “mais simples” de uso da crase. Com essa expressão entre aspas queremos nos referir àqueles casos em que podemos recorrer a regras objetivas para determinar o emprego ou não da crase. Há casos, porém, em que esse uso não pode ser determinado dessa forma, sendo necessário compreender o contexto, o que nem sempre é algo simples. Assim, vamos usar o nosso espaço para abordar algumas dessas situações, de modo que o emprego ou não da crase nesses casos possa ser realizado com eficácia.

– Crase diante da palavra “casa”.

Não se usa crase antes da palavra “casa”, quando esta tem o sentido de “domicílio”, “lar” etc. **Exemplo:** *Precisou voltar a casa com urgência.*

Mas quando a palavra estiver acompanhada de adjunto adnominal a crase é empregada. **Exemplo:** *Precisou voltar à casa dos pais com urgência.*

– Crase diante da palavra “terra”.

Não se emprega a crase antes da palavra “terra”, quando esta significa “terra firme”. **Exemplo:** *Depois de tantos apuros no mar, ficou feliz em retornar a terra.*

Porém, quando “terra” significar pátria ou lugar, poderá haver a crase. **Exemplo:** *Queria voltar à terra natal antes de morrer.*

– Antes da palavra “distância”.

Nesse caso, a crase só será usada se a palavra estiver determinada. **Exemplos:** *Observou a curiosa cena a distância.*

Observou a curiosa cena à distância de quinhentos metros.

– Antes de nomes de mulheres tidas como célebres.

Exemplo: *Os devotos dedicaram as preces a Joana D’Arc.*

Observação: Essa regra se justifica porque não há a presença do artigo definido feminino. O “a”, nesse caso, é a preposição solicitada pelo verbo “dedicar-se” (a alguém ou a algo). A presença do artigo definido inibiria o caráter célebre imputado a Joana D’Arc. Se quisermos demonstrar a intimidade ou proximidade vamos usar o artigo. Por exemplo, *Maria é uma mulher séria* indica uma certa distância por parte de quem fala em relação à pessoa de quem se fala; já se disséssemos *A Maria é uma mulher séria*, estaríamos certamente expressando nossa condição de proximidade com relação à pessoa de quem estamos falando.

Assim, quando queremos manter o caráter solene de um ser do gênero feminino, nos abstermos de empregar o artigo. E, se não há o artigo junto com a preposição, não pode haver crase.

– Crase diante de topônimos.

Só empregaremos a crase em topônimos que “peçam” a presença do artigo definido. No caso daqueles em que isso não ocorre, só haverá crase se o topônimo estiver de alguma forma determinado.

Exemplo: *Retornou imediatamente a Curitiba.*

Esse topônimo não “pede” preposição, pois dizemos: *Curitiba está em alerta* (portanto, sem artigo definido).

Mas no caso de este topônimo estar determinado usamos a crase.

Observe: *Retornou imediatamente à fria Curitiba.*

Quando for usado o artigo antes do topônimo, coloca-se a crase.

Exemplo: *Retornou imediatamente à Bahia* (Pois diríamos *A Bahia está em alerta.*).

– Crase depois de preposições.

Exemplos: *Negou o fato perante a juíza.* Não há crase porque o “a” é artigo definido feminino, e não é solicitado pela preposição “perante”. Em caso de masculino, diríamos: *Negou o fato perante o juiz* (e não *ao juiz*).

Só levantou após a primeira alvorada (e não *Após à primeira alvorada*, pois a preposição não “pede” o “a”, que é aí apenas artigo. Se a forma fosse masculina diríamos *Após o primeiro toque* e não *Após ao primeiro toque*, como se vê algumas vezes.).

Mas no caso da preposição “até” o uso é facultativo: *Procurou o marido até à manhã* ou *Procurou o marido até a manhã.*

Há ainda alguns outros casos relativamente complexos em que usar ou não a crase é tarefa que depende de um bom entendimento do contexto em que a frase é produzida. No próximo encontro, finalizando o assunto, vamos trazer mais alguns desses casos, para que você tenha um acervo tanto quanto possível completo de como empregar esse interessante e importante fenômeno que é a crase. Até a próxima!



Sandro Gomes é Bacharel em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, além de Revisor do Jornal Appai Educar.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação do Jornal Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.

cultura africana e diversidade na escola

Claudia Sanches

“Durante a escravidão era permitido ao negro estudar. Porém somente à noite, se houvesse professores. Então, os escravos não tinham acesso à escola. A ideia é trazer isso para a atualidade. No Brasil os afrodescendentes começavam a ter escolaridade através do ensino noturno, porque trabalhavam durante o dia”. Essa informação dada pelo coordenador do EJA e de Educação Especial, Haroldo Ferreira, inaugurou o I Seminário de Cultura Africana e Afro-brasileira, realizado pela Secretaria Municipal de Educação do Município de Belford Roxo.

O encontro surgiu com a proposta de garantir a aplicabilidade da Lei Federal 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do estudo da história africana na escola. “É o ponto de partida de um trabalho para garantir o cumprimento da Lei”, afirmou o Secretário de Educação municipal William Campos, autor da Deliberação 014, que estabelece as diretrizes para articular a lei federal com a prática no município. “Colocar em ação a resolução 014 é mostrar que o estudo de nossas origens é uma das prioridades do nosso governo. Minha equipe mostrou que é possível fazer. Assim a gente combate o preconceito dentro de casa”, afirmou William.

Organizado na Escola Municipal Belford Roxo, o evento contou com palestras de autoridades políticas, especialistas da área, profissionais da rede, representantes da sociedade civil e ONGs. A programação da feira de cultura incluiu apresentação de danças, capoeira, tendas com comidas típicas, além de exposições de arte e livros. “Os educadores tiveram oportunidade de mostrar os projetos que desenvolvem no seu cotidiano, o que lhes deu visibilidade e valorizou o seu trabalho”, justificou o Secretário.

O estande da Escola Aberta, que promove várias oficinas e reforço escolar extraclasse, levou as obras de arte dos pais e professores para a comunidade. A E. M. Maria da Paz fez exposição sobre a influência

do negro na música, na gastronomia e nos costumes, através das máscaras, vestimentas e instrumentos musicais.

O programa Pro-Jovem também esteve presente representando a qualificação profissional. A esteticista Cristina Lúcia maquiava a musa negra do município, Elidiane Ferreira, valorizando a beleza e a autoestima da mulher negra. A Orientadora Pedagógica e escritora Marli Crespo revelou

a diversidade de nossos contos através da literatura infantil e da poesia.

O objetivo da autora é trabalhar a reflexão e despertar os valores e a ética. O estande também ofereceu oficina de “contação” de histórias para os professores.

O serviço de Implementação da Leitura (SIL), da Secretaria Municipal de Educação, apresentou o tema “Viajando pelos contos africanos”. A coordenadora do SIL, Inácia Estela, selecionou um acervo moderno e atualizado de autores especializados. São escritores como Rogério Barbosa de Andrade, e o Nigriano Sunny, preocupados em trabalhar os contos africanos de adivinhações. “É preciso que os profissionais tenham conhecimento desse material para que possam elevar a autoestima da criança, que assim percebe a sua identidade e valoriza a cultura africana da qual faz parte”, explica Inácia.

O coordenador do Centro de Articulação das Populações Marginalizadas (Ceap), Ivanir dos Santos, conversou com a plateia sobre a religiosidade afro-brasileira, como ela é relatada na escola e as novas bibliografias para um estudo sério sobre a cultura africana, citando

Máscaras retratam as várias etapas da vida e revelam a riqueza das tradições e do artesanato africano



o escritor e compositor Ney Lopes, autor da "Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana".

O professor de História Wladimir Valadares lembrou a importância de se fazer uma discussão no município até por causa da predominância de afrodescendentes na sua população. "A proposta da conferência foi contemplar a história do negro, sua cultura, inserção no mercado de trabalho e religiosidade, trazendo para a nossa realidade", completou.

Para o coordenador do EJA, Haroldo Ferreira, o seminário faz parte da formação continuada do educador: "Esse é um encontro de inclusão. A lei nos estabelece um compromisso com nossa história, que ainda apresenta muitos desafios", afirma. A professora de Artes Luanda Oliveira, que vivenciou a militância quando ainda era criança

nos anos 1980 no colo de sua mãe, também professora, ficou emocionada com as palestras. "Adorei o seminário. Precisamos reiniciar a militância. Essa é uma prova de que o movimento negro não acabou, mas que o negro está em movimento". Luanda lembrou que essas informações têm que chegar à sala de aula. "Os professores ainda não dispõem do conteúdo para trabalhar nas escolas. Os livros são poucos e caros. Temos que embasar os profissionais com bom material didático. Esse conteúdo que a

gente ouviu aqui tem que voltar à sala de aula", defendeu a educadora.

Haroldo Ferreira acredita que o seminário é um passo importante na educação da comunidade escolar de Belford Roxo e para a cultura brasileira. Para o futuro, os debatedores decidiram criar comissões e fóruns para coordenar essas discussões e práticas. "Nosso principal papel como educador é alavancar essas questões, contar a nossa trajetória e garantir a riqueza através da diversidade e da diferença. Para isso precisamos mobilizar os nossos formadores de opinião, instrumentalizá-los de informação e motivação", concluiu Haroldo.

Escola Municipal Belford Roxo
Secretaria Municipal de Educação de Belford Roxo
Av. Amália Rocha, 261 – Belford Roxo/RJ
CEP: 26113-330
Tel.: (21) 2761-0010
Coordenador do EJA e de Educação Especial: Haroldo Ferreira
Fotos: Marcelo Ávila



Atividades interativas marcaram o encontro e a otimização dos trabalhos realizados pela comunidade escolar da rede municipal de Belford Roxo, garantindo, assim, a melhoria do ensino das nossas origens



O UNIVERSO DO TAMANHO DA CURIOSIDADE

Escola Municipal encerra projeto estimulando pais e alunos a cuidarem do planeta

Wellison Magalhães

Já virou lugar-comum falar do planeta e de seus problemas, mas, mesmo assim, ainda é necessário ensinar e explicar como fazer isso todos os dias, para que sejam minimizados os grandes males que a Terra tem sofrido nestas últimas décadas. A Escola Municipal Vila do Vintém, em Padre Miguel, Zona Oeste do Rio de Janeiro, teve esta preocupação, ao realizar o projeto pedagógico intitulado *Universo a ser descoberto por você*, que incluiu passeios, palestras e trabalhos em grupo dentro da própria escola.

O projeto nasceu de perguntas feitas pelos próprios alunos, e o desenvolvimento da culminância se deu a partir de diversas tarefas dadas a cada sala de aula. Por exemplo, um grupo ficou responsável pelo trabalho de coleta seletiva de lixo, que já é feito há algum tempo na escola. Segundo Maria Clara, coordenadora pedagógica, o projeto teve início meses antes, quando, já explorando o tema, os alunos foram levados a conhecer o sistema solar e as galáxias, além de pequenos planetas desconhecidos. Para ampliar esse conhecimento os alunos realizaram uma visita ao Observatório do Valongo, pertencente à UFRJ, no centro do Rio de Janeiro.



Uma maquete da "Casa Inteligente" foi usada para ensinar como economizar energia no dia a dia

"Tudo isso para levar o projeto ao ponto em que estamos hoje, porque nesta culminância já percebemos o desdobramento do tema, chegando ao cuidado com o planeta, que tem a ver com reciclagem, reaproveitamento de alimentos e o cuidado com a natureza de um modo geral", concluiu a coordenadora. As salas do Vila Vintém não desmentiam as palavras de Maria Clara, e surpreendiam, com a presença maciça dos pais dos alunos, participando ativamente das muitas oficinas que foram oferecidas pela escola, nos turnos da manhã e da tarde. Numa das salas

um grupo de pais aprendia, com a professora Sueli Alves, como reaproveitar garrafas *pet*.

Regina dos Santos, avó de um dos alunos, estava satisfeita com o resultado de seu trabalho, um jarro de plantas decorado: "interessante esse trabalho, porque isso acaba por ativar nossa criatividade", disse orgulhosa exibindo sua peça. Em outra oficina oferecida, os pais aprenderam a reutilizar caixas de leite, com a professora Renata Machado. Elaine Lopes,



Os pais dos alunos se envolveram, inclusive fazendo trabalhos manuais e aprendendo a utilizar material reciclado



mãe de uma aluna da escola, expressou seu contentamento: “a gente acaba aprendendo e desenvolvendo as nossas habilidades numa determinada área”, disse segurando firme o porta-receita que acabara de fazer.

A funcionária readaptada Joana Costa trabalhou com alguns outros pais o fuxico e, junto com eles, confeccionou colares, cintos e enfeites utilizando pequenos retalhos e TNT. Além desses trabalhos, um funcionário da Embrapa, Claudio Capecha, deu uma oficina de reciclagem, utilizando papel machê e falando sobre o uso do solo para dar coloração aos trabalhos. E ainda a professora Magda de Oliveira dirigiu uma oficina onde uniu literatura e trabalhos manuais.

A história que juntou pais e alunos foi baseada no livro infantil “A Flor”, e a atividade incluiu pequenos vasos de plantas, em copos descartáveis, utilizando-se massa de modelar e palitos de picolé: “queremos estimular todos a cuidarem do jardim de nossa escola”, afirmou Magda.

Para os pequenos estudantes foi oferecida uma atividade lúdica, com a presença de Bernardo Medeiros, de Furnas, que, além de histórias e brincadeiras, trouxe “A Casa Inteligente”, para ensinar as crianças como economizar energia no dia a dia. E ao que parece a aula foi bem dada. O aluno Allan Machado, de 5 anos, saiu eufórico da sala: “a casa parece um fogão, com botões pequenininhos. A gente não pode deixar a TV ligada quando vai abrir a geladeira, nem deixar a porta da geladeira aberta para pegar o que precisa”, disse com autoridade de quem já começou a economizar.

O projeto caminhou para o fim, com uma apresentação dos vários grupos de pais que participaram das oficinas, no pátio da escola. Um a um, os trabalhos foram apresentados, com uma pequena fala de um dos

As crianças divertiram a plateia com a apresentação da peça “Feliz Aniversário Lua”



representantes dos pais dos alunos, sempre direcionada ao que aprenderam e abrangendo o bem que podem fazer ao planeta. Por fim, a coordenadora Maria Clara chamou a atenção para a peça que seria apresentada pelos estudantes. Baseada no livro “Feliz Aniversário Lua”, de Franck Asch, as crianças divertiram a todos com uma apresentação que reuniu pantomima, interpretação e coreografia. A direção da peça ficou por conta da professora de Educação Física Claudia Abreu.

A diretora da Escola, Rosane Martins, estava satisfeita com o resultado do evento: “mais do que uma atividade conseguimos aqui reunir o que é mais difícil na comunidade escolar: os pais. Isso tem gerado aproximação, acompanhamento deles na vida escolar de seus filhos”. O projeto foi desenvolvido com a participação da direção da escola e todos os professores e funcionários, o que explica não apenas a organização, bem como os resultados positivos alcançados.

A Vila do Vintém é uma Escola Municipal de educação infantil exclusiva, porque só atende crianças entre 4 e 6 anos de idade, explica a professora, informando que são aproximadamente 220 alunos, em dois turnos, vivenciando atividades que têm como proposta não só agregar valores ao conhecimento, mas sobretudo ajudar pais e alunos, no desenvolvimento pessoal, familiar e educacional, a partir do desejo de conhecer, explorando a curiosidade que cada um possui.

No fim do projeto os pais, orgulhosos, apresentaram seus trabalhos manuais a todos



Escola Municipal Vila do Vintém
Rua General Gomes de castro, nº 360
Padre Miguel – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21721-000
Tel.: (21) 3331-2980
Diretora: Rosane Rosa Martins
Coordenadora Pedagógica: Maria Clara de Lima Santiago Camões
Fotos: Marcelo Ávila

A noite revela novos sonhos em Meriti

Jovens e adultos mostram o quanto vale a pena persistir no desejo de estudar

Wellison Magalhães

As feiras escolares já são uma tradição nas instituições de ensino. Alunos de todas as séries se reúnem, animadamente, preparando trabalhos, barracas e treinando para as apresentações. Mas o que dizer de uma feira que tem todos os elementos citados acima, mas preparados por pessoas cujas idades variam entre 15 e 70 anos? Pois o mesmo ânimo e a mesma disposição, somadas a uma dose a mais de otimismo, tomaram conta dos alunos das escolas municipais de São João de Meriti, que se reuniram no Centro Cultural e em frente a ele para uma exposição preparada dentro do projeto de ensino para jovens e adultos (EJA).

O Empreendeja foi o nome dado ao 1º encontro que incluiu 9 escolas do município da Baixada, que une empreendimento e a educação de jovens e adultos. O evento serviu para juntar estudantes do turno da noite, demonstrar o total envolvimento de cada um nos estudos, e ainda revelar um lado que muitos ainda desconhecem ou insistem em não acreditar: que é possível recomeçar e recontar a história do ponto em que se parou.

Sandra Regina Pessanha, chefe da divisão de educação de jovens e adultos do município, explicou que o Empreendeja tem ainda a finalidade de apresentar à população visitante o evento e as diversas possibilidades que a arte, a criatividade e o estudo, juntos, podem oferecer, inclusive na promoção de pequenos ganhos financeiros, que podem ser acrescidos ao orçamento familiar. "Quero acreditar que todos os que passarem por aqui visitarão a feira", diz Sandra animada com a expectativa da presença de mais de mil alunos no evento.

Sandra destacou o trabalho auxiliar das "empreendedoras" do projeto, Carmem Lucia, Vanessa Lucia e Celia Regina. E não se surpreenda se de repente você comprar uma taça, uma garrafa ou uma poltrona



Até as pessoas que transitavam na praça paravam para ver a arte preparada pelos alunos do turno da noite

pequena preparadas com material reciclado. O aluno Rildo Tavares, da Escola Dr. João Alves Martins, trabalha com reaproveitamento de material. Isso se tornou uma meta pessoal tão grande na vida do estudante, que ele já foi convidado para dar *workshops* sobre seus trabalhos, diz orgulhoso, após mostrar a camiseta com seu *slogan* favorito e um *banner* com fotos de suas apresentações.

Talento não lhe falta. Por conta dele, a sua escola ensaiou e apresentou a peça "O Luxo do Lixo", escrita por Rildo, versando sobre a reciclagem de lixo e o cuidado com o meio ambiente. Outras escolas reuniram seus trabalhos. Com muito cuidado, pouco a pouco as barracas foram montadas e os estudantes iam chegando.

"A maioria trabalha fora e aproveita o turno da noite para voltar a estudar", diz Fátima de Almeida, diretora do Núcleo Municipal de Educação de Jovens e Adultos, o Numeja, outro programa para jovens e adultos, que usa o modelo não presencial para ajudar pessoas de todas as idades a alcançar a meta de serem alfabetizadas e, mais que isso, concluir as diversas fases do cronograma normal de um estudante brasileiro. Os alunos levam para suas casas as diversas apostilas com o material didático e retornam para avaliação ou para tirarem dúvidas das matérias com professores preparados para atendê-los.

Segundo Fátima, muitos daqueles que abandonaram os estudos por muitos anos podem retornar, obter seus diplomas e realizar o sonho de concluir o Ensino Fundamental. É o caso da dona de casa Dinair Sobral Braga, de 66 anos. Perguntada sobre a razão principal de ter decidido voltar a estudar, afirmou: "eu não tive como estudar no passado. Hoje encontrei a oportunidade de retornar com meus estudos e estou muito feliz", disse animada, juntando-se ao grupo que preparava as apostilas sobre a mesa para divulgação do Numeja.

Outras escolas também trouxeram seus alunos dos cursos noturnos

Uns vieram para montar barracas, outros para expor seus trabalhos e alguns para apresentações que foram feitas durante a festa do Empreendeja. Paralelamente às exposições, o Centro Cultural de São João de Meriti abrigou danças, teatro e, é claro, houve tempo para uma abertura oficial do evento. O Ciep 378 ficou responsável pela apresentação de um grupo de dança. A música "Planeta Água" inspirou Marlene Rocha, de 35 anos, a criar as coreografias e ensaiar um grupo de alunas muito comprometidas. "Levamos cerca de 5 dias ensaiando, e queremos fazer uma boa apresentação", disse Ana Teixeira, 24 anos, apoiada pela amiga Marcela Santos, de 26.

Os alunos da Escola Casimiro de Abreu trouxeram sucos naturais para mostrar a importância do uso de frutas na alimentação diária. A aluna Duely do Nascimento, de 57 anos, estava empolgada: "a gente participa e isso pode inclusive nos ajudar a saber como ganhar dinheiro", concluiu referindo-se ao fato de o Empreendeja focar em pequenos empreendimentos. A Escola Municipal Adérito Gomes Gouveia trouxe para a feira diversos materiais de artesanato, além de uma maquete sobre o comércio produzida pelos estu-



Os alunos do Numeja faziam questão de apresentar as apostilas usadas nos cursos aos candidatos a estudar no projeto

dantes. Uma nota interessante é que todos os trabalhos receberam a ajuda e orientação de seus professores. No caso dos alunos do Adérito, Sandra Pre, professora de História, e Maria Lucia, de Geografia.

A coordenadora do Numeja lembra que no processo educacional proposto para jovens e adultos, no turno da noite, a ordem social é invertida. Lá, muitos filhos levam os pais às escolas, para estes concluírem seus estudos.

Sandra Pessanha acredita que o maior legado, para usar uma palavra da moda, que o 1º Empreendeja pode deixar para os moradores de São João de Meriti é a possibilidade de sonhar com novos projetos de vida, independente da idade ou condição social.

Para estes jovens e adultos que um dia pararam de estudar, o que vale é o desejo de terminar, com honra, um fantástico projeto educacional, que eles não puderam ou não desejaram abraçar.

Divisão de Educação de Jovens e Adultos do Município de São João de Meriti (Coen – Deja)

Coordenadora: Sandra Regina Pessanha Góis

Avenida Presidente Lincoln, 899/4º andar – Vilar dos Teles – São João de Meriti/RJ
CEP: 25555-201

Tel.: (21) 2651-2630

Fotos: Marcelo Ávila



O trabalho manual do aluno Rildo Tavares impressiona pela criatividade e consciência na reciclagem de material



Ideias e Ideais

num mundo reciclado

Escola promove reflexão sobre o meio ambiente e um mundo sustentável

Wellison Magalhães

O que para alguns parece apenas trabalho de escola, para os alunos do Espaço Cultural Pedro II, em Campo Grande, a 10ª Feira Cultural poderia salvar o planeta. Foi com essa dedicação que os mais de 220 alunos do turno da manhã e os 130 do turno da tarde realizaram uma feira que literalmente deu água na boca. Os estudantes de diversas turmas trataram sobre o meio ambiente, tema recorrente em diversas instituições de ensino, e puseram os olhos em todos os materiais recicláveis que se pode imaginar e também naqueles inimagináveis.

Para adoçar e aguçar a curiosidade da comunidade escolar, os alunos da 3ª série, por exemplo, ajudados pelos pais, montaram uma mesa farta, com deliciosas guloseimas, como bolos, doces e salgados, todos feitos com as cascas de alguma fruta. Na visão desses estudantes, o que antes não tinha utilidade e acabava indo para o lixo pode agora alimentar dezenas de pessoas. Cascas de banana, abacaxi e outras frutas serviram de matéria-prima para uma boa cozinha.

Para a aluna Alessandra Souza, de 9 anos, a feira traz conhecimento e ajuda a valorizar mais o alimento: “é possível fazer comida com tudo, reciclar tudo o que encontramos e principalmente os alimentos”, disse para logo depois continuar servindo as diversas opções preparadas pelo seu grupo de estudo. A animação de cada estudante e a participação efetiva dos pais e visitantes da Feira provaram que o evento estava alcançando seu objetivo.

A professora Angela Pereira, uma das coordenadoras pedagógicas da escola, afirmou que “o encontro serve para unir as famílias em torno dos estudantes, mas também promove novas descobertas, que podem ser úteis para todos os dias”. Segundo a coordenadora, desde fevereiro direção e professores vinham pensando no evento, que



Os alunos dos dois turnos diversificaram, principalmente na culinária, que pode ajudar a salvar o planeta

tem data anual no calendário da escola. Mas só algumas semanas antes é que começaram a ajudar os alunos na confecção de seus trabalhos.

E não faltou aprendizado. Nos dois turnos, todos os que visitaram as salas foram surpreendidos com um projeto diferente. Coordenado pela professora Luciana Lucena, os estudantes aprontaram jogos pedagógicos, próprios para crianças de 9 anos, que incluíam jogo da velha, com tampas de garrafas *pet*, e jogo da memória utilizando caixas de fósforos.

A turma do Maternal II transformou a sala de aula num *playground* e tratou do tema “reciclar e brincar”. Na sala os pais interagiram com os filhos, construindo amigos imaginários com massas de modelar.

A Professora Jheniffer Leite coordenou este programa.

Uma outra sala bastante concorrida foi a do Jardim II, da professora Fernanda Oliveira. Os pequenos estudantes usaram material reciclado para confeccionar instrumentos musicais. Além dos equipamentos sonoros, um pequeno recital acompanhando um *playback* foi exposto, tanto no turno da manhã, quanto no da tarde. Demonstrando a paixão pela música, afirmaram que é possível reciclar para salvar o planeta, com o tema “A melodia do lixo”. Garrafas *pet*, latas e até cascas de coco foram transformados em instrumentos de percussão.

Já no Jardim III, da professora Fernanda Maia, o assunto girou em torno do “Desenvolvimento Sustentável”. Aqui os visitantes saboreavam diversos alimentos de



Jogos infantis feitos de tampinhas de garrafas e maquetes com material reciclado animaram a garotada

Garrafas, copos, talheres, mesas, cadeiras, tudo feito com garrafas pet deram o tom da criatividade do Pedro II

chocolate, sendo alguns "Diet" outros "Light". Para cada porção distribuída, alunos e professora se esmeravam em explicar a diferença entre cada um dos tipos. O turno da manhã apresentou uma

mesa com taças, sofás, árvores de natal, bolsas, bonecas e porta-moedas, tudo feito de garrafas pet. A professora Elisangela Paixão estava entusiasmada por estar também descobrindo novas possibilidades que foram pesquisadas através da internet.

E, por fim, uma mesa com chás medicinais dava conta de como é possível prevenir-se contra determinadas doenças, empregando apenas ervas naturais. Para Claudia Dias, mãe da pequena Juliana, de 9 anos, a feira é importantíssima pois agrega conhecimento: "é muito bom saber que tudo se recicla!", conclui. Entusiasmados, os estudantes do 6º ano trataram do tema "aquecimento global", mostrando a importância da água e da saúde. Segundo a proposta dos alunos, a intenção é mostrar como o mundo fica realmente mais bonito quando não é poluído. Como a Feira é interdisciplinar, as professoras Nilda Abrantes, de Geografia; Bruna Machado, de Educação Física; e Ana Valéria Nascimento, de inglês, orientaram os jovens pesquisadores na preparação de todo o material para a exposição.

Já o 7º ano ocupou-se em abordar a importância da coleta seletiva, com a alternativa de lixeiras com sacos plásticos, e apresentaram trabalhos artesanais com vidro, plástico, papel e metal. Até uma maquete de uma fábrica de lixeira ecológica com teto de energia solar foi preparada para exemplificar o tema. Os estudantes do 8º ano apostaram na gastronomia para promover a reflexão sobre um mundo mais equilibrado. Uma mesa de guloseimas com reutili-

zação de lixo orgânico foi exposta e um gráfico apontava o nível de desperdício e o de aproveitamento de alimentos no Brasil. E a atividade não terminava aí: os jovens do 9º ano falaram sobre petróleo como matéria-prima. Para tanto prepararam um "ecote-lhado" e um jardim comestível, além de demonstrarem na prática a importância da energia solar e sua utilidade.

Para todas as turmas o empenho de professores de diversas matérias foi ponto principal para o desenvolvimento dos trabalhos, afirmou Tatiane Urbani, coordenadora pedagógica. O aluno Samir Gouveia, do 9º ano, disse estar surpreso com o fato de que uma área de maior poluição ambiental pode estar em terrenos como os dos cemitérios".

Para a coordenadora Tatiane, a feira traduz o empenho de alunos e professores, mas também traz a conscientização por um mundo melhor. "Eu espero que

pais, professores e estudantes se empenhem para evitar o desperdício. O esforço é tão grande que semanalmente um grupo de nutricionistas trabalha com segmentos diferenciados na escola, ajudando-os na boa alimentação e no reaproveitamento alimentar", enfatiza a coordenadora.

A Feira, que acontece anualmente, é dividida em dois turnos, mas o prazer, entusiasmo e empenho foram únicos: em cada sala ambiente, em cada mesa, o que se via era o interesse multiplicado de jovens estudantes que, com excelentes ideias e bons ideais, podem tornar o mundo melhor.

Em cada sala os pais se envolveram completamente no trabalho dos filhos e no aprendizado sobre o meio ambiente

Apresentação da bandinha dos alunos do jardim, com instrumentos feitos de casca de coco e garrafas pet

Centro Cultural Pedro II
Estrada do Pré, 569 – Augusto Vasconcelos
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23013-550
Tel.: (21) 2413-3275
Diretora da unidade: Marcela Alves de Oliveira Pourchet
Coordenadoras: Tatiane Urbani e Angela Pereira B. Lucia
Fotos: Marcelo Ávila

Uma viagem pelas nações amigas

Claudia Sanches

Com o desafio de aproximar a família da vida escolar, o Jardim Escola Aladdin, situado no Pechincha, promoveu o projeto *Feira das nações*, com alunos do maternal ao 5º ano. A culminância foi uma festa na qual as turmas apresentaram seus trabalhos e as manifestações de dança e tradições das regiões exploradas.

O critério de escolha do tema, segundo a coordenadora pedagógica Inês Regina Monte, adotou alguns pré-requisitos: levar o alunado a conhecer, valorizar e respeitar as diferenças e a desenvolver o potencial criativo que há em cada um. De acordo com a coordenadora, as crianças ficam bastante motivadas durante as pesquisas: "Os diferentes países e as descobertas são um trunfo para elas, que se empolgam com as curiosidades acerca das novas culturas, da música e da dança. E nós aprendemos junto com elas", diz Inês.

Para apresentar os trabalhos, cada turma estudou sobre os países que estavam relacionados ao conteúdo programático. O 1º ano passou por Angola, por causa das semelhanças com a nossa cultura; o 2º ano falou sobre a França; o 3º ano abordou Portugal, por conta da colonização; o 4º ano, a Espanha por

terem Espanhol no currículo; o 5º estudou os Estados Unidos por causa da Língua Inglesa, e a região Nordeste ficou a cargo da Educação Infantil pelas riquezas naturais e tradicionais que ela apresenta. Além dos estandes com artesanatos, informação e fotografia, as equipes representaram as nações através de danças e manifestações folclóricas.

Para enriquecer os estudos a coordenadora visitou o Centro Cultural de Angola e o consulado, que enviou um funcionário para falar sobre a história do país. "Nessa trajetória conheci pessoas que indagaram se o colégio já estava colocando em prática a Lei nº 10.639, que estabelece o ensino da cultura africana nas escolas. As instituições ficaram de fornecer material atualizado para otimizar esse trabalho e garantir que ele seja posto em prática", conta Inês.

Outras etapas vivenciadas pelos estudantes foram as entrevistas com os mais idosos, as buscas de material para representar a região e a confecção de objetos com sucata. Na opinião da equipe pedagógica, a exposição dos trabalhos nos estandes revela a colaboração de cada discente. Quem passeava pelos estandes podia conhecer as máscaras angolanas,

Língua e cultura como instrumento para explorar a interdisciplinaridade e valorizar as diversidades. Coisas do Brasil, dança da Espanha, influência portuguesa, capoeira e artesanato de Angola expostos traduziam um pouquinho da formação de nosso país



que simbolizam as várias fases da vida do homem, dentre as quais nascimento, passagem para a vida adulta, época de colheita e morte. Na sala ambiente Lusitana, os nossos Colonizadores foram representados por vários objetos e figuras trazidos por avós de alunos, onde se pode ver a foto da casa em que morou Pedro Álvares Cabral.

Ao som da colorida e sofisticada dança flamenca, a professora Fabiana Barreto, de Espanhol, concluiu que a língua é um ótimo recurso para explorar a interdisciplinaridade, uma vez que é um instrumento de abordagem que permite o acesso aos diferentes universos. "Procuro difundir as variedades linguísticas e mostrar diferenças e semelhanças entre os povos. O que mais me emociona é a correspondência das crianças", afirmou Fabiana.

Thaís Amaral, avó do aluno Thiago, que levou toda a família para o evento, é uma parceira antiga do colégio: "Faço questão de participar. Acredito que o projeto é algo que vai além da programação curricular, uma vez que a cultura lapida o ser humano", afirmou. Segundo a diretora da escola, Rosa Muniz, o projeto é também uma estratégia para a aproximação entre os pais e a comunidade escolar. Na sua opinião, a parceria com a família é fundamental na educação: "Com a correria da vida moderna, os responsáveis acabaram se distanciando do papel de educadores. Esse evento, além de mobilizar os alunos, acaba resgatando a família, levando os pais a se encontrarem com os filhos para pesquisar, ler e se divertir, a fim de formar cidadãos emocionalmente mais estruturados para a vida".

Jardim Escola Aladdin

Rua Samuel das Neves, 97 – Pechincha – Jacarepaguá – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 22770-110

Tel.: (21) 3253-6833

Diretora: Rosa Muniz

Fotos: Marcelo Ávila



Uma viagem pelos países amigos: Balé em homenagem à região sul com "Aquarela do Brasil". A sofisticada dança flamenca da Espanha. "Bate o pé" lembrou a influência portuguesa, enquanto o artesanato e a capoeira de Angola representaram a origem africana e a tarantela levou um pouquinho da imigração italiana do Sul do Brasil. A festa terminou com uma coreografia de "Thriller", uma bela homenagem a Michael Jackson, que representou os EUA



Planeta Terra: conhecer para preservar

Tony Carvalho

Crianças do 1º ano do Ensino Fundamental trabalharam com variados tipos de sementes, frutos, raízes e folhas. Durante a Mostra de Ciências, a professora Rosângela levou para a escola um jabuti, animal que se alimenta à base de frutas, verduras e legumes

Pelo segundo ano consecutivo, alunos e professores da Escola Municipal Bolívia de Lima Gaétho, em Niterói, promoveram uma Mostra de Ciências, que este ano teve como eixo norteador o tema *Planeta Terra: conhecer para preservar*. Na escola estudam 150 crianças da Educação Infantil ao primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

De acordo com a diretora da escola, professora Fabiane Florido, a escolha do tema foi decidida já no plano de ação anual, em fevereiro, durante a capacitação dos professores. “Em continuidade ao projeto desenvolvido no ano passado, a equipe pedagógica optou novamente pela valorização do ambiente em que vivemos. A comunidade está localizada numa grande área verde e enfrenta questões pontuais, como a poluição ambiental causada pelo lixo que é descartado de forma incorreta”, explica.

Cada série realizou uma tarefa específica: as turmas da Educação Infantil trabalharam com o ciclo da água e com a reciclagem do lixo; o 1º ano do Ensino Fundamental destacou o reaproveitamento de alimentos; enquanto o 2º e o 3º abordaram o solo. Durante a mostra, os pais tiveram a oportunidade de conferir os trabalhos realizados pelos alunos e ainda participar de atividades lúdicas com os filhos.

A turma da professora Beth Guedes, composta por crianças de 3 anos, trabalhou a saúde bucal, a partir de histórias infantis. Durante o desenvolvimento do projeto, a turminha realizou atividades de campo para conhecer os hábitos e os cantos de pássaros que habitam o parque da escola. Elas conheceram o girassol, colheram folhas, galhos e raízes e, a partir desse material, construíram murais e maquetes.

Para a professora Renata Bravo, também da Educação Infantil, as crianças assimilaram a proposta do projeto. “Elas aprenderam a valorizar o uso correto da água e a pensar no que pode ser feito para mudar maus hábitos no próprio núcleo familiar.



Muitos pais trouxeram para a escola a notícia de que as crianças estavam mais atentas ao desperdício de água. Isso demonstra que o trabalho surtiu o efeito desejado”, afirma. Durante os estudos, os alunos aprenderam também as etapas do ciclo da água e descobriram o quanto ele é importante na renovação da água no planeta.

As professoras Rosângela Figueiredo Costa e Heloísa Leite, do 1º ano do Fundamental, trabalharam com variados tipos de sementes, frutos, raízes e folhas. As crianças aprenderam a identificar os espécimes e a plantá-los, além de serem incentivados a procurar espaço em suas casas para o cultivo de pequenas hortas. “Elas aprenderam a observar a germinação das plantas e viram como é fácil fazer uma horta doméstica utilizando materiais recicláveis como garrafas *pet*, por exemplo. Para a mostra, trouxemos um jabuti (tartaruga de terra) para que as crianças observassem que ele se alimenta de vegetais. Durante as etapas do estudo, as crianças foram estimuladas a adotar uma alimentação à base de verduras e legumes. O projeto também foi amarrado ao processo de alfabetização dos alunos e à Matemática, com a construção de tabelas contendo os valores nutricionais de cada fruta, verdura ou legume. Eles produziram gráficos a partir de uma pesquisa feita na turma para identificar as frutas de maior aceitação e criaram textos coletivos”, conta a professora Rosângela.

As crianças fizeram ainda uma releitura da obra de Tarsila do Amaral, em que é retratada a poluição industrial. Já a professora Sandra Duarte, do 3º ano do Ensino Fundamental, trabalhou os tipos de solo e a questão da intervenção do homem na natureza, como o uso de agrotóxicos nas plantações. Os

Os visitantes aprenderam a fazer hortas domésticas em pequenos espaços e utilizando materiais recicláveis



alunos tiveram contato com amostras de solos arenoso, humoso e argiloso, aprenderam suas características e como tratar cada um deles.

Os pais que visitaram a mostra aprovaram o trabalho desenvolvido pela escola. Alessandra dos Santos Soares, mãe da aluna Vitória, da Educação Infantil, garante que, para observar o desenvolvimento da filha, sempre está presente nas atividades realizadas na escola. Márcio Otoni, pai de Márcia Eduarda e de Davi Siqueira, do 2º ano do Ensino Fundamental, e de Marcela, do 1º ano, reconhece que a aproximação da escola com a família é muito salutar para o crescimento pedagógico do aluno. “Quando a gente prestigia, eles se sentem valorizados”, admite.

A professora Liliana Santiago Cavalcante, pedagoga da escola, esclarece que a Mostra de Ciências funciona como o detonador do projeto *Vivendo Valores*: “Para trabalharmos a questão da preservação ambiental e difundirmos a cultura de um planeta sustentável, o grupo precisa conviver com alguns valores, como respeito, responsabilidade, entre outros. Não se trata de algo novo, mas de um projeto mundialmente reconhecido e adotado pela ONU, que atua mensalmente com alguns valores e busca abranger todas as faixas etárias. É um trabalho que tende a gerar bons resultados. Afinal, está em nossas mãos estabelecer uma nova forma de vida”.

Escola Municipal Bolívia de Lima Gaétho
Estrada Senador Fernandez da Cunha, s/nº – Rio do Ouro – Niterói/RJ
CEP: 24210-050
Tel.: (21) 3611-8165
Diretora da escola:
Prof. Fabiane Florido
Fotos: Tony Carvalho



A mostra contou com a presença maciça de pais de alunos, que fizeram questão de conferir os trabalhos produzidos pelos filhos



Motivação

A emoção de ser professor

Alto verão. Dentro da sala de aula, a turma conta os minutos para sair. Suas mentes estão dominadas por imagens de sorvetes, bicicleta, a mangueira do jardim ou a piscina do clube, o desenho animado japonês do final da tarde. Aí, a professora começa a passar a lição de casa. Ou simplesmente indica as páginas do livro de exercícios que devem ser preenchidas até o dia seguinte. A turma toda murcha na hora. Surgem as opções:

1 — Chegar em casa, almoçar e ir fazer a lição. Isso, lógico, se conseguir vencer a preguiça pós-refeição e o chamado da rua. Geralmente, não se consegue.

2 — Ir se divertir, voltar à tardinha e fazer a lição. Isto é, depois do banho, que fica melhor para pensar. Aí vem a hora do jantar. Depois tem aquele programa legal na TV e...daqui a pouco, hora de ir para a cama.

3 — A opção que escolhíamos quando criança: fazer tudo apressadamente no ônibus a caminho da escola ou na sala mesmo, naquele espaço de tempo que a professora leva para atravessar a sala e dizer "bom dia".

Não me lembro de ter tido um pensamento positivo a respeito do dever de casa, mas reconheço que ele me ensinou muito. E a principal lição, vinda do fato de que a escola obrigava os pais dos alunos a darem um visto na lição de casa, foi: se você quer falsificar uma assinatura, treine antes. Nada de rabiscar direto no caderno, não vai colar.

Motivo e motivação – A verdade é que a tarefa de casa não precisa ser encarada assim por seus alunos. O primeiro passo é explicar a eles por que devem fazer a tarefa de casa.

Eles precisam saber como aqueles exercícios irão lhes trazer benefícios, a importância deles na sua educação. Essas razões incluem o seguinte (mas não se limitam a isso):

– Você estudará mais rapidamente para a prova e suas notas serão possivelmente maiores.

– Caso surja alguma dúvida, o professor poderá ajudá-lo no dia seguinte. Sem o dever de casa, a dúvida apareceria no dia da prova. Desagradável, para dizer o mínimo.

– Vai ajudá-lo a aprender a administrar o tempo, algo que você vai precisar na sua vida profissional.

– Vai aumentar seu poder de concentração e autodisciplina.

– Vai ensiná-lo a trabalhar sozinho.

– Permite que o professor saiba exatamente como ele está dando suas aulas e pode melhorá-las.

Caso seu aluno tenha uma atitude negativa em relação

ao dever de casa, vai demorar mais para concluí-la. A atitude, a maneira como um estudante vê uma tarefa, é responsável por 90% de seu esforço para completá-la. O que pode levar a um outro problema.

Ora, se seu aluno fica se debatendo horas para terminar uma tarefa de matemática, seus pais podem chegar à conclusão de que ele não leva jeito para matemática, ou que o ensino da escola é fraco.

Problemas domésticos – Outro fator que pode prejudicar o andamento do estudo em casa é aquilo que cerca seu aluno.

Existem inúmeras distrações, e o ambiente escolhido para trabalhar pode não ser o mais adequado. Veja na próxima edição, quando publicaremos a parte final do texto, algumas dicas para ajudá-lo a montar um pequeno escritório em sua casa.



Matéria cedida pela revista Profissão Mestre

Colaboração: Basílio Neto

Appai no World Community Grid

Em breve, a Associação disponibilizará computadores para a maior rede virtual do mundo

Por Antonia Lúcia

Impulsionado pelo instinto de ultrapassar a barreira da era tecnológica e da informática, o homem se redescobre, não mais de forma unilateral, mas, sim, num contorno bilateral. Em busca dessa harmonia tecnológica, a IBM criou o World Community Grid, um sistema virtual cuja missão é criar a maior rede de computadores voluntários do mundo, a fim de realizar pesquisas científicas que beneficiem a humanidade, com custo e tempo reduzidos. Esse é o perfil do World Community Grid, disponibilizado a qualquer usuário virtual, a partir do *download* do *software*.

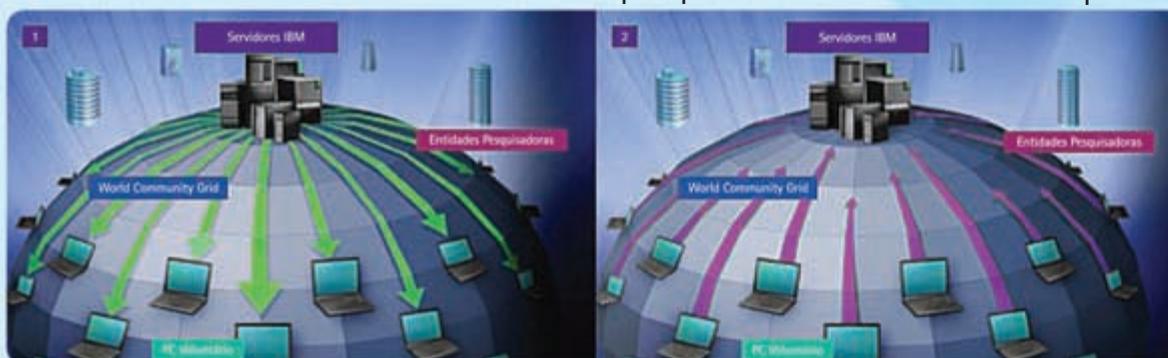
Para que essa malha virtual se teça num formato universal, a partir da instalação de um programa, o servidor do World Community Grid utiliza o tempo ocioso de computadores pessoais realizando projeções e cálculos e enviando os resultados de volta para o servidor, partilhando dessa maneira o trabalho em milhares de computadores espalhados pelo planeta.

Na prática, se o usuário estiver utilizando apenas parte de sua capacidade de processamento o World Community Grid utilizará um percentual conforme a variação da capacidade ociosa do equipamento. Ao final do processamento o servidor enviará automaticamente novos dados para que sejam processados e avaliados pela comunidade científica mundial em suas pesquisas.



Segundo a IBM, a rede de computadores voluntários é simples e segura de usar, haja vista que **qualquer pessoa pode participar, basta que se cadastre** e, em seguida, baixe e instale um pequeno programa em seu computador. Atualmente o projeto está disponível para as configurações Windows, Linux e Mac OS X.

Reforçando a visão de contribuir para a promoção do bem-estar e melhor qualidade de vida como parte dos seus projetos de Responsabilidade Social, em breve a Appai colocará à disposição do World Community Grid algumas máquinas – conforme análise do setor de Pesquisa e Desenvolvimento (TI) –, para que o tempo do equipamento ocioso seja utilizado pelo sistema virtual em prol dos projetos pré-selecionados pelo comitê. Entre estes estão: a identificação do “Protoma Humano”, cujo objetivo é o de melhorar o conhecimento sobre a atuação de doenças, como a malária e a tuberculose; o desenvolvimento de novos compostos químicos eficazes no tratamento de pessoas infectadas com o VIH/Sida; o estudo aprofundado dos mecanismos do cancro – Help Defeat Câncer –, entre outros. Para participar da super-rede basta acessar a página <http://www.worldcommunitygrid.com.br> e fazer o *download* do *software* para o seu computador pessoal.



Lição de Ciências

Experiências e alternativas para um mundo sustentável

Claudia Sanches

Ver na prática o funcionamento de uma usina hidrelétrica; experimentar várias formas de produção de energia; entender a lógica do telefone e vivenciar algumas práticas do não desperdício. Todas essas possibilidades foram oferecidas pelo projeto *Iniciação Científica*, com as turmas do 9º ano e do Ensino Médio do Colégio Estadual Antônio Figueira de Almeida, localizado em Nilópolis.

Para divulgar os conhecimentos vivenciados, os jovens pesquisadores organizaram uma feira de ciências para toda a comunidade. Graças ao projeto, a escola ganhou o 3º lugar do prêmio “Experiências Inovadoras em Ciências”, organizado pela CRE de Nova Iguaçu, representada pelo grupo “Geração de Energia”.

De acordo com a professora de Física Rose Marie, o trabalho foi a oportunidade de colocar as teorias de química e física em prática e falar sobre temas que estão na ordem do dia. O aluno Rodrigo, coordenador do grupo premiado, afirma, com o troféu nas mãos, que tem a sensação do dever cumprido: “Traçamos uma meta, trabalhamos muito e atingimos nosso ob-

jetivo”, explica ele, que conheceu com a turma uma usina termoelétrica de Furnas.

No estande “Energia do futuro”, a turma falava sobre a tecnologia nuclear. O estudo revelava a extração do minério do solo, como ele é compactado e toda a engrenagem da usina. Os alunos visitaram Angra I e II e perceberam que ainda há muito receio por parte da população por conta do material radioativo. As empresas, que produzem atualmente eletricidade para duas mil pessoas, foram projetadas para ser a fonte que causa menor impacto no meio. “Por enquanto ela só é utilizada em grande escala, em situações como a do apagão. Os pesquisadores estudam uma forma de reaproveitar o lixo atômico produzido no processo de queima de minerais”, explicava a aluna Amanda. A equipe também falou de outras fontes de eletricidade mais baratas e que não alteram o ecossistema, como a solar, usada em Fortaleza e em muitos países da Europa, e que poderia ser mais bem aproveitada aqui no nosso país tropical.

Luciana Siqueira, que também leciona Física, promoveu experimentos com enfoque lúdico para mostrar que o som, uma onda que se propaga no ar, também é energia. O estande do grupo apresentou um telefone sem fio, com duas réplicas de antenas parabólicas revestidas de papel alumínio para atrair o calor. A engenhoca mostra que o som bate na estrutura de uma delas e reflete na outra que está à frente: “O som precisa de um canal para se propagar, e nessa antena acontece a transferência de ondas sonoras até chegar aos nossos ouvidos”, explicou a professora enquanto os alunos ensinavam e se divertiam com os visitantes através do telefone sem fio.

Para mostrar que também há física na música a turma realizou uma atividade com garrafas de vidro cheias de líquido, todas enfileiradas. Com a baqueta a aluna Gabriela produzia músicas, e eram apresentados desafios aos visitantes, que também podiam tocar: “Podemos tirar som de qualquer objeto”, afirmava a aluna. Outro experimento foi o forno solar, uma caixa revestida de papel alumínio



Os grupos demonstraram várias formas de produção de eletricidade, com as maquetes de usinas hidrelétricas e a química da pilha





Formas lúdicas de fazer Ciência: os jovens provavam que Física tem tudo a ver com música através da experiência com garrafas e baquetas – visitantes se divertiam enquanto faziam melodias

coberta com plástico e fundo de metal para promover o isolamento térmico e absorver calor. Dentro da caixa uma panela com água e ovos cozidos.

Além das fontes energéticas, as turmas também exploraram outros conteúdos estudados em sala de aula. Através de uma câmara escura, os curiosos poderiam comprovar a teoria da ilusão ótica, atividade desenvolvida pela equipe do segundo ano. Os visitantes também se divertiram com a ideia de terceira dimensão produzida com os jogos de espelhos. Com “Chamas Dançantes” os jovens provavam que a vibração do som também causa movimento. As chamas se moviam conforme os diferentes sons das músicas se revezavam.

Representando as ciências biológicas o 9º ano falou sobre as ervas aromáticas e medicinais. A professora Patrícia Machado conta que os estudantes entrevistaram idosos e terapeutas especializados. O interessante, segundo os alunos, é que eles descobriram muitas curiosidades, como a pata-de-vaca, uma folha de árvore usada para tratar diabetes, e tomaram conhecimento de que algumas pessoas têm alergia a algumas ervas, como a hortelã. “A proposta era esclarecer que as plantas existem, possuem as suas propriedades, mas não devem ser consumidas indiscriminadamente. Para isso, existem os profissionais”, adverte a professora.

Quem passou pelo estande “Reaproveitamento de alimentos”, da professora Ruth Maria, pôde começar a rever seus conceitos e modificar seus hábitos de consumo. O grupo produziu uma cartilha com várias receitas e alternativas para evitar o desperdício. A ideia era conscientizar as pessoas de que podemos usar a criatividade para transformar sobras de alimentos que são jogadas fora. “O livro de receitas que continha pratos como bolinho de arroz, suco de casca de laranja e farofa de casca de banana foi um sucesso entre alunos, professores e pais. Estão todos experimentando as receitas”, contou Ruth.

A equipe “Gentileza gera gentileza” enfocou os problemas sociais. O grupo visitou orfanatos e realizou pesquisas em comunidades carentes, abordando a questão da desnutrição infantil. Conheceram o trabalho da pastoral da criança e do governo Federal no combate à fome. “Assumimos o compromisso com a instituição de menores e vamos continuar trabalhando até o Natal”, disse o aluno Deiverson.

Segundo a coordenadora pedagógica Alessandra Machado, o projeto mobilizou todo o colégio e facilitou a participação e o aprendizado, ultrapassando os objetivos iniciais, que eram de abordar os conteúdos de física e incentivar a prática científica: “A meta era a produção de ciências. Mas o trabalho se superou e revelou como atividades lúdicas motivam o aprendizado. Alunos que quase não se comunicam em sala se destacaram nas tarefas. Nos aproximamos mais dos jovens e essa integração foi o que mais chamou atenção da equipe docente”, concluiu.

Colégio Estadual Antônio Figueira de Almeida
Estrada Mirandela, 402 – Centro Nilópolis/RJ
CEP: 26520-335
Tel.: (21) 3361-0343
Coordenadora pedagógica:
Alessandra Machado Pereira
Fotos: Marcelo Ávila





**MOBILIZE SUA FAMÍLIA
E SEUS VIZINHOS.**

DENGUE MATA

www.combatadengue.com.br

Mau Hálito (halitose)

O que é halitose?

Halitose significa "mau hálito", um problema que muitas pessoas enfrentam e muitas vezes desconhecem. Calcula-se que aproximadamente 40% da população sofre ou sofrerá de halitose crônica em alguma época de sua vida. Muitas são as causas deste mal, incluindo, dentre outras: higiene bucal inadequada (escovação incorreta e falta do uso do fio dental); gengivite; ingestão de certos alimentos como, por exemplo, alho ou cebola; consumo de tabaco e produtos alcoólicos; boca seca (causada por certos medicamentos, por distúrbios e por menor produção de saliva durante o sono); doenças sistêmicas tais como câncer, diabetes, problemas com o fígado e rins.

Como saber se tenho halitose?

Uma forma de saber se você tem mau hálito é cobrir sua boca e nariz com a mão, exalar e sentir o hálito. Uma outra forma é perguntar a alguém em quem você confia como está o seu hálito. Mas não se esqueça de que muitas pessoas têm este problema quando acordam de manhã, como resultado de uma produção menor de saliva durante a noite, o que permite aos ácidos e outras substâncias se deteriorarem no interior da boca. Medidas como escovar bem os dentes e a língua, e usar fio dental antes de dormir e ao se levantar, sempre ajudam a eliminar o mau hálito matinal.

Como prevenir a halitose?

Evite alimentos que causam mau hálito e observe o seguinte:

Escove bem duas vezes ao dia e use fio dental diariamente para remover a placa bacteriana e as partículas de alimento que se acumulam todos os dias.

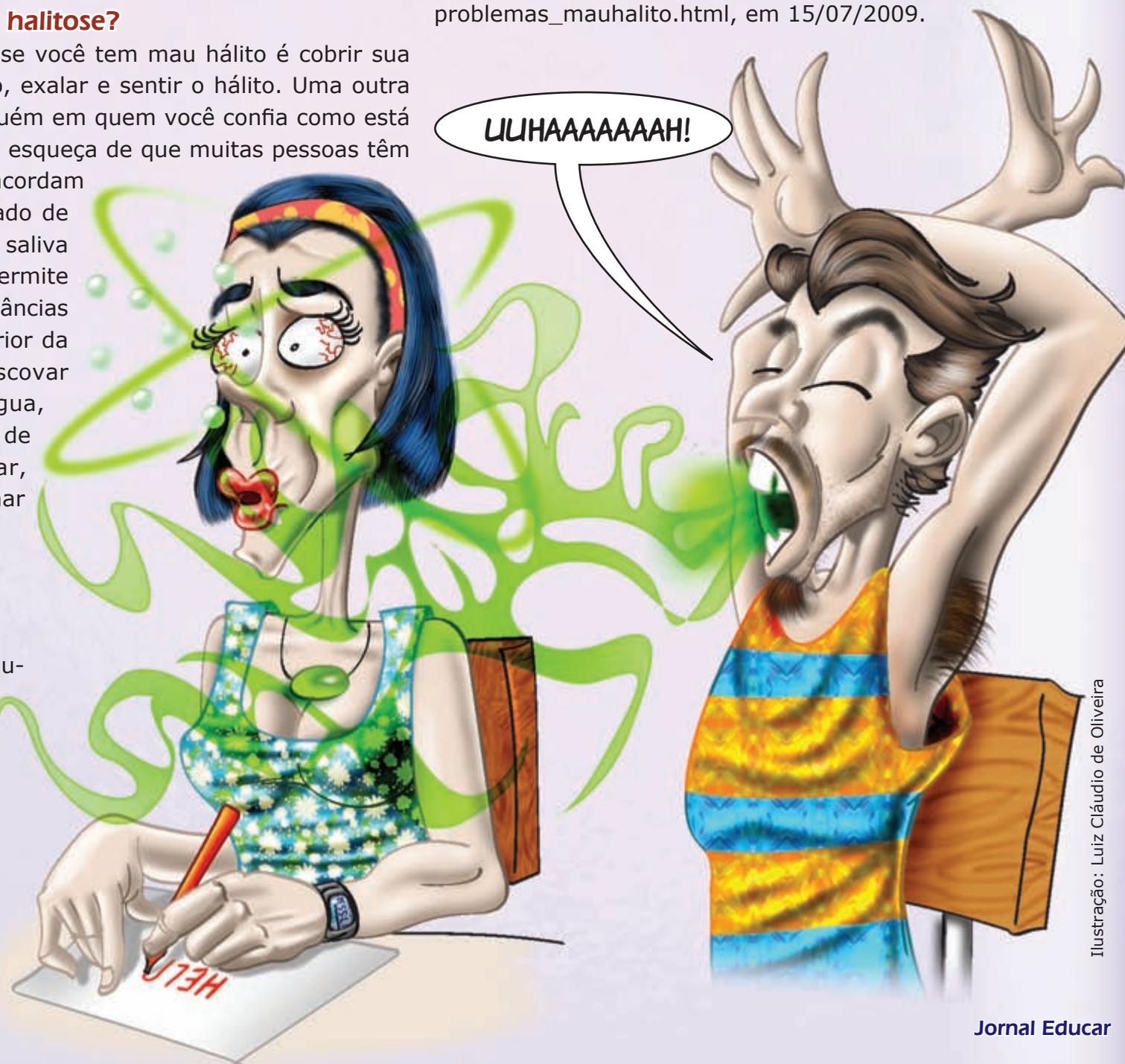
Escovar a língua também ajuda a diminuir o mau hálito.

Remova a dentadura antes de dormir, limpando-a bem antes de recolocá-la de manhã.

Visite seu dentista periodicamente para fazer uma revisão e uma limpeza de seus dentes.

Se o seu mau hálito persistir mesmo após uma boa escovação e o uso do fio dental, consulte seu dentista, já que isso pode ser a indicação da existência de um problema mais sério. Só o dentista poderá dizer se você tem gengivite, boca seca ou excesso de placa bacteriana, que são as prováveis causas do mau hálito.

Extraído de: http://www.terra.com.br/saudebucal/colgate/problemas_mauhalito.html, em 15/07/2009.



Dificuldades de Aprendizagem



Caro leitor, entre tantas preocupações que cercam o cotidiano da comunidade escolar e principalmente dos pais, uma delas tem chamado bastante a nossa atenção: a chamada *dificuldade de aprendizagem*. Na busca por trazer aos nossos leitores mais esclarecimentos no que diz respeito a esse assunto, a partir dessa edição a

Série Pedagogos começará a abordar as dificuldades de aprendizagem, que muitas vezes constituem um problema equivocadamente avaliado, classificado no campo das desordens, distúrbios ou transtornos, e sobretudo como falta de interesse por parte dos alunos.

Nesta edição, o tema em pauta mostrará a diferença entre *distúrbios* e *dificuldades*. A ideia é ajudar o leitor a entender melhor a definição das diversas nomenclaturas, que são atualmente um problema tanto para quem se envolve diretamente no diagnóstico, como na prevenção, na reabilitação e no ato do processo de aprendizagem. Esperamos, mais uma vez, colaborar para o fortalecimento e crescimento não somente do processo educativo, mas, sobretudo, dos atores responsáveis por fazer valer a educação como base moral e intelectual do ser humano.

Distúrbios de aprendizagem

Distúrbios de aprendizagem é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de alterações manifestas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Estas alterações são intrínsecas ao indivíduo e presumivelmente devidas à disfunção do sistema nervoso central. Apesar de um distúrbio de aprendizagem poder ocorrer concomitantemente com outras condições desfavoráveis (por exemplo, alteração sensorial, retardo mental, distúrbio social ou emocional) ou influências ambientais (por exemplo, diferenças culturais, instrução insuficiente/inadequada, fatores psicogênicos), não é resultado direto dessas condições ou influências (Collares e Moysés, 1992:32).

Segundo ainda Collares e Moysés, os distúrbios de aprendizagem seriam de ordem neurológica.

Porém, segundo Ross (1979), o termo "distúrbios de aprendizagem" é utilizado para crianças que frequentam escolas e demonstram uma dificuldade na aprendizagem, mesmo que aparentemente não apresentem problemas de ordem física, sensorial, intelectual ou

emocional. De acordo com Ross, o rótulo e o estigma resultam de crianças mal diagnosticadas, muitas vezes com classificações que não correspondem à verdade, como "hiperatividade", "síndrome da criança hiperativa", "síndrome hipercinética", "lesão cerebral mínima", "dificuldade de aprendizagem", "disfunção cerebral mínima" ou ainda "disfunção na aprendizagem".

Transtornos de aprendizagem

Transtorno de aprendizagem é outro termo que existe na literatura especializada sobre o assunto (ver bibliografia no final desse texto). Veremos a classificação de Comportamentos e Transtornos Mentais segundo o CID 10 (Classificação Internacional de Doenças-10), documento que foi elaborado pela Organização Mundial de Saúde:

O termo "transtorno" é usado por toda a classificação, de forma a evitar problemas ainda maiores inerentes ao uso de termos tais como "doença" ou "enfermidade". "Transtorno" não é um termo exato, porém é usado para indicar a existência de um conjunto de sintomas ou comportamentos clinicamente reconhecível associado, na maioria dos casos, a sofrimento e interferência com funções pessoais (CID-10, 1992:5).

Os itens que vamos mencionar a seguir fazem parte dos "Transtornos específicos do desenvolvimento das habilidades escolares", de acordo com o CID-10:

- O seu início se dá ainda na infância;
- Um atraso no desenvolvimento de ofícios que são diretamente ligados à maturidade biológica do sistema nervoso central;
- Um seguimento durável, que não desaparece, tende a ser característica de muitos transtornos mentais.

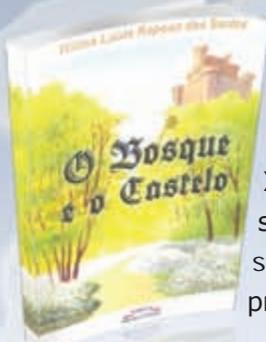
Infelizmente, no decorrer do processo ensino-aprendizagem, esbarramos com problemas que podem atrasar ou comprometer todo um trabalho educacional, uma vez que a educação não tem apenas histórico de sucessos e aprovações. Cabe a nós, pais, professores, orientadores e educadores em geral, termos a sensibilidade de enxergar em nossos alunos quando algo não vai bem e encaminhá-los a uma equipe multidisciplinar para que este aluno seja acompanhado de perto e diagnosticado, a fim de obter um bom rendimento.

Os transtornos mais comuns são: Dislexia, Disgrafia, Discalculia, Dislalia, Disortografia, TDAH. Na próxima edição iniciaremos falando da Disgrafia.

Até lá!

Referências Bibliográficas:

- Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento do CID-10: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Organização Mundial de Saúde (Org.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- COLLARES, C. A. L. e MOYSÉS, M. A. A. A história não contada dos distúrbios de aprendizagem. *Cadernos CEDES* n° 28, Campinas: Papirus, 1993, pp. 31-48.



O bosque e o castelo

Wilma Lúcia Raposo dos Santos
 Editora Mente e Corpo – Tel.: (21) 3027-2852

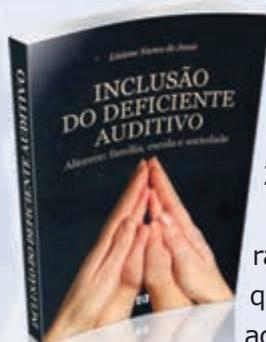
A história descreve um romance passado no século XIV, na Inglaterra, entre a filha de um senhor feudal e seu servo, um humilde camponês. Catarina e Thomas se amam, mas ela teme este relacionamento devido aos preconceitos da época.



A lua no céu e ela na terra

Salizete Freire Soares
 Paulinas editora – Tel.: (21) 2232-5486

A autora, professora da rede pública de Natal (RN), busca trabalhar o imaginário das crianças e por isso a obra conta com belas ilustrações de Tati Mões, que trabalhou maravilhosamente com a doçura e a beleza do assunto.



Inclusão do deficiente auditivo – Alicerce: família, escola e sociedade

Lisiane Nunes de Jesus
 E-papers serviços editoriais – Tel.: (21) 2273-0138 / 2504-5618

A autora mergulha no universo das crianças portadoras de deficiência auditiva e busca reavaliar os conceitos que se tem sobre esse problema. Com uma organização acadêmica, a obra nos instiga a investir no potencial que todos possuem e reflete sobre o papel da família e da escola na relação com o deficiente.



O caminho para o vale perdido

Patrícia Engel Secco
 Editora Boa Companhia
 E-mail: projetofeliz@terra.com.br

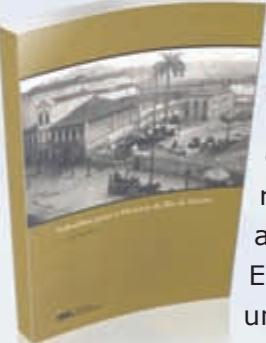
Em *O caminho para o vale perdido*, a autora apresenta uma família de ratos, que vive numa mansão próxima a um lixão e se mantém com a fartura que vem dos restos de lixo abandonados pelo homem. Uma obra que leva as crianças a refletir sobre o meio ambiente e as maneiras de se cuidar bem dele.



Atividades com temas transversais

Sandra Branco
 Cortez editora – Tel.: (11) 3611-9616

A obra é composta de 70 atividades que abordam seis temas transversais, que poderão ser trabalhados pelo professor em sala de aula. A autora nos propõe uma possibilidade de trabalho voltada para fazer da escola um lugar de convivência harmoniosa, que não apenas informe, mas forme homens e mulheres responsáveis, conscientes e solidários.



Subsídios para a história do Rio de Janeiro

Charles Julius Dunlop
 Imperial Novo Milênio – Tel.: (21) 2580-1168

O autor C. J. Dunlop era um apaixonado pelas coisas do Rio antigo, o que o levou a produzir vários textos descrevendo aspectos da cidade, como a iluminação, as estradas de ferro e os bondes. Essa obra, editada pela primeira vez em 1957, é uma grande fonte de informações para quem busca conhecer o passado da Cidade Maravilhosa.



O Sr. Pickwick em flagrantes – Série Re-encontro Literatura

Charles Dickens, adaptado por Paulo Mendes Campos
 Editora Scipione – Tel.: (11) 3990-1810

Dickens é um dos grandes autores da literatura universal, e nessa história, vivida na Primavera de 1827 em Londres, o autor apresenta o personagem título, que se lança a uma viagem pelo interior do país, onde participa de vários acontecimentos que ajudam a conhecer a sociedade inglesa da época.



Mestre Lisboa – O Aleijadinho

Nelson Cruz
 Editora DCL – Difusão Cultural do Livro Ltda.
 Tel.: (11) 3932-5222

Mestre Lisboa apresenta a história de Aleijadinho, maior artista do barroco mineiro e um dos grandes gênios da arte brasileira de todos os tempos. Com belas ilustrações do próprio autor, o livro nos convida a viajar às Minas Gerais do século XVIII e entender a vida social e a religiosidade daquela época. Vamos conhecer os principais trabalhos de Aleijadinho, como a igreja de São Francisco de Assis e o santuário de Bom Jesus de Matosinhos, considerados patrimônio cultural da humanidade.

Leitura Viva

Projeto revela mistérios da Literatura aos jovens

Claudia Sanches

A formação de bons leitores sempre é um desafio para todos os educadores. No Colégio Estadual Professora Luiza Marinho, localizado em Oswaldo Cruz, a resistência dos jovens à leitura era grande. Segundo Márcia Mello, a diretora, a situação ficou mais evidente quando esse ano a escola ganhou uma biblioteca. Para movimentar os acervos, o professor de Matemática Ronald Martins idealizou e coordenou, com os alunos do Ensino Médio, o projeto *Leitura Viva*. O trabalho se superou e culminou na *Feira Cultural*, um espetáculo de dedicação, pesquisa e arte que ultrapassou as expectativas dos participantes.

Super-homem e Mulher Maravilha passeando pelos corredores, várias Cucas, Branca de Neve conversando com a Emília, e a Bela Adormecida montando um estande na

quadra da escola. A movimentação dos personagens dos gibis de Maurício de Souza e dos contos de fadas constituía um cenário com figurino impecável durante a culminância do projeto. O pontapé inicial foi um bate-papo com a equipe docente para garantir a participação de todos: "A meta era chamar a atenção dos educadores para a questão e considerar a experiência de leitura de cada um, fazendo com que todos incorporassem a ideia, independente da disciplina que lecionavam", explicou Márcia.



Leitura é vida: interpretar foi uma forma de vivenciar a literatura e perceber que ela não é um privilégio de poucos, mas sim um direito de todos



Cada turma trabalhou uma temática, livro ou escritor dentro da sala de aula. A partir daí todos os grupos defenderam seus trabalhos nos estandes e encenaram uma atividade teatral. A ordem era não discriminar nenhum gênero, por isso explorou-se desde os clássicos até os gibis. "Deixamos os alunos livres para escolherem seus temas, o que estimula a produção. É só falar em incorporar um personagem que eles vão com tudo", brincou Ronald. Segundo ele, o logotipo do projeto – uma menina sendo abraçada por um livro – traduziu muito bem o objetivo do trabalho: mostrar as obras, a leitura, como uma atividade cheia de mistérios e interesses.

A professora de Língua Portuguesa Luzia Cruz escolheu "O mercador de Veneza", de William Shakespeare, para o terceiro ano. Para sua surpresa, o livro foi muito bem assimilado pelo grupo, que acabou se apaixonando pelo clássico. Os alunos adaptaram a obra para um esquete com uma coreografia que encantou a plateia. "É um texto difícil, mas, depois que eles vivenciam as histórias, ficam estimulados", conta Luzia, que

escolheu a dedo uma edição de qualidade do livro.

O evento foi uma sucessão de surpresas que mexeu com a emoção das pessoas. O aluno Augusto e seu grupo, que trabalharam com "O pequeno príncipe", também fizeram uma apresentação que comoveu o público. O livro conta a história de um menino que saiu do seu planeta e vai conhecer outros asteroides, encontrando pessoas e pensamentos diferentes.



“É um livro infantil que não é só feito para crianças, pois se trata de um menino que vive conflitos de adultos. Representa o reencontro do homem com a criança que existe em todas as pessoas. Há alguns anos não havia Internet na escola e tínhamos só o livro. Apesar dos sites de busca não devemos deixar os livros de lado”, defendeu Augusto.

A turma do segundo ano apostou numa releitura dos contos de fadas com muita irreverência. “Vamos utilizar os contos como objeto de informações e críticas”, destacaram os artistas. Outro grupo que trabalhou Monteiro Lobato apresentou o “Sítio do Pica-pau-amarelo” e uma coreografia com as peripécias da boneca Emília. Outras turmas calcaram suas atividades em cima da obra do cartunista Maurício de Souza, apresentando esquetes sobre a turma da Mônica na infância e na adolescência.

Sob a coordenação da professora de Língua Portuguesa Márcia Lannes, os alunos do turno da noite editaram um livro de coletânea de textos produzidos por eles no semestre, com prefácio, dedicatória e ilustração, além do direito a autógrafos. Ronald acredita que as práticas contribuíram para o amadurecimento dos jovens e deu a eles um norte para que possam transformar os sonhos em ações concretas: “Eles compreenderam que a literatura está viva e é um instrumento para garantir um futuro mais humano. Precisamos resgatá-los para a criação a fim de que possam abrir seus horizontes e se realizarem como cidadãos felizes e produtivos”.



Teatro, coreografia, monólogo, artes plásticas... práticas que contribuíram para a tarefa de apresentar o mundo da literatura aos aprendizes



Colégio Estadual Professora Luiza Marinho
Rua Fernandes Marinho, 75 – Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21351-360
Tel.: (21) 3390-0635
Diretora: Márcia Mello de Oliveira
Fotos cedidas pela escola

Tudo são flores

Estudantes visitam o Jardim Botânico e transformam a natureza em arte

Wellison Magalhães

Eram apenas 11 alunos e dois professores orientadores. Entretanto, a inspiração para pintar quadros veio das milhares de plantas e flores encontradas numa das mais nobres áreas verdes do Rio de Janeiro, o Jardim Botânico. O projeto *A Arte que nos Toca*, idealizado não somente com o propósito de levar a comunidade escolar a descobrir técnicas de pintura, mas também para ampliar o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, transformou o Ciep 313 em um grande horto.

A experiência culminou na segunda edição da *vernissage* dos alunos e professores do Ciep Rubem Braga. As obras expostas reproduziam a natureza visitada no parque carioca. Para a professora de Educação Artística Marcia Costa, o projeto tem dado certo por diversas razões: “é possível perceber o crescimento dos alunos na descoberta de algo novo, e ainda entender o quanto é importante trabalhar a autoestima deles, fazendo com que vejam que não precisam aceitar a violência ou a pobreza, e que a vida apresenta mil possibilidades”, afirma a docente.

Eduardo Borba, que também ocupa a cadeira de Educação Artística, ressaltou a importância dos trabalhos apresentados e a qualidade demonstrada: “você acaba descobrindo que há verdadeiros artistas dentro da comunidade escolar, basta explorar isso”. Borba disse ainda que o Ciep, que atende pessoas de classe baixa, num lugar que contém um pouco da violência do Rio de Janeiro, pode mudar o panorama



Os quadros foram inspirados na diversidade de plantas e flores do Jardim Botânico

de muitos adolescentes através da arte.

Um vídeo com as imagens do passeio foi apresentado, tendo ao fundo músicas brasileiras. Eram fotos de plantas, flores e poses de alunos e professores, no encontro que durou quase todo o dia. Para Dayane Angélica, do 8º ano, a experiência foi mais do que válida: “Foi interessante visitar o Jardim Botânico, nunca tinha ido lá”, disse a estudante. “Além de ter muita coisa bonita para ver, tem cultura e história. Acho que é um jeito de mudar a comunidade em que eu moro”, concluiu a estudante, que na exposição escolheu uma rosa para reproduzir.

Já o aluno Luiz Felipe do Nascimento, de 16 anos, também do 8º ano, ficou impressionado com o orquidário do Jardim. Para ele o que mais chamou a atenção foi a história das plantas brasileiras: “um projeto assim realmente vale a pena”, sentenciou. Luiz se encantou tanto com o orquidário que escolheu um tipo de orquídea para transformar em quadro.

Após o vídeo, o diretor adjunto do Ciep, professor Carlos Alberto Martins, avaliou o projeto e a sua culminância como favoráveis, apesar das muitas dificuldades encontradas na educação como um todo. Ressaltou o trabalho dos professores e alunos, e a competência de cada um na execução da exposição.

Por fim, cada “artista” foi convidado a receber uma lembrança preparada pelos organizadores: um kit, composto com todo o projeto escrito, com nomes dos estudantes e de todos os cooperadores do evento. Além disso, acompanhava um calendário que tinha como novidade a reprodu-



Cartões postais, papéis de carta, calendários foram alguns itens do kit preparado por alunos e professores

ção do trabalho de cada aluno, para cada mês do ano. Fotos do passeio, chaveiro e até um ímã de geladeira foram pensados.

Yone Vieira, mãe da aluna Maria Eduarda, estava satisfeita com o projeto e a oportunidade diferente que a filha teve: “muito importante o que eles fizeram. Não há nada aqui diferente de onde moramos. Com isso eles podem aprender mais, sair da realidade da comunidade e ser afastados da rua também”.

O projeto *A arte que nos toca* teve início na metade do ano, quando foi realizada a visita cultural ao Jardim Botânico. Os meses seguintes foram utilizados para revelar as fotos, construir o material que foi transformado em *kit* e preparar a exposição, ou seja, pintar os quadros e emoldurá-los. E, por fim, abrir o evento para toda a comunidade escolar.

Segundo Marcia Costa e Eduardo Borba, os alunos foram selecionados em função da aptidão e vocação para a arte e o interesse que demonstraram na matéria. Por isso, apenas 11 participaram do encontro. Foram convidados os alunos Ricardo Matos, que desenhou uma vitória-régia; Maria Eduarda, que ficou fascinada com os cactos; Luiz Claudio, que apresentou uma bromélia; Lorrán Guerra, Luiz Felipe, Breno Ferreira e Jonatas Gouveia, que se encantaram com as orquídeas; Emanuel Florentino, que se interessou pela planta carnívora, além de Dayane Angélica e Tathara Moreira, que desenharam rosas, e William Gomes, retratando as palmeiras.



Um vídeo na abertura do evento de premiação exibiu como foi o dia no jardim mais famoso do Rio

Os professores de arte também apresentaram seus trabalhos, que ficaram expostos durante uma semana para todos que visitavam a escola. Para eles um projeto como esse não pode ser realizado se não contar com a ajuda de pessoas interessadas em ver o desenvolvimento de cada aluno, mesmo em uma região devastada pela violência e com muitos riscos para os adolescentes. Para isso acrescentam o apoio dos professores Silvana Matos, de Geografia; Rosa Monica, de Matemática, e Antonio Carlos, de Educação Física.

Todos os trabalhos pintados foram transformados em quadros, desenvolvidos a partir da técnica de pastel oleoso e lápis de cor. Os estudantes traduziram as imagens colhidas no Jardim Botânico e expuseram em 3 grandes quadros de aviso, cobertos por feltro. Para cada um deles, havia uma legenda com o nome do artista e da arte pintada. Por fim, todos estavam numa grande sala, desfrutando da alegria e satisfação de terem feito algo diferente e promissor. Ali não eram estudantes, eram artistas; não eram pais, eram admiradores; não eram professores, mas profetas de um mundo melhor.

Aliás, se no mundo nem tudo são flores, o Ciep Rubem Braga, pelo menos por uma tarde, desmentiu isso.



Os professores Eduardo Borba e Marcia Costa fizeram a entrega dos prêmios aos novos artistas do Rubem Braga



Ciep 313 Brizolão Rubem Braga
Estrada do Taquaral, 111
Senador Camará – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21842-550
Tel.: (21) 3337-4933
Diretora: Maria da Glória Hentzy Menezes
Fotos: Marcelo Ávila

Professores

Estes são os benefícios para os filiados da Appai



Jornal Appai Educar

(Veículo Técnico de Apoio ao Profissional de Educação)



Seguro de Acidente Pessoal Coletivo

(Invalidez)



Serviço Social



Benefício de Educação Continuada

(Ciclo de Cursos e Palestras)



Jurídico



Dança de Salão

(Atividade Recreativa)



Seguro de Vida em Grupo

(Morte e para algumas doenças graves)



Assistência Funeral

ANS - Nº 38254-0

Médico Ambulatorial Básico Coletivo* (sem internação)

(Atendimento limitado, por ser anterior à lei específica, a alguns exames, procedimentos e especialidades)

Odontológico Ambulatorial Básico Coletivo*

(Atendimento limitado, por ser anterior à lei específica, a alguns exames, procedimentos e especialidades)

Convênios e parcerias com outras instituições (Opcionais):



Plano Hospitalar Coletivo



Pousadas

OBS.: Antes de se associar, consulte a Relação de Benefícios para obter mais informações sobre a amplitude dos mesmos e outros convênios.

**Ao associar-se à Appai, você poderá descontar em folha a sua contribuição associativa.

**A opção do desconto em folha estará disponível apenas para os órgãos ou entidades que tenham convênio e/ou parceria com a Appai.

* Nas localidades e nos limites dos benefícios disponibilizados pela Appai